

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**Fatores Individuais e Relacionais na explicação  
do Ciúme relacionado com o Facebook  
Inês Malheiro dos Santos Gonçalves**

**M**

2018



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**FATORES INDIVIDUAIS E RELACIONAIS NA EXPLICAÇÃO DO CIÚME RELACIONADO COM O FACEBOOK**

**Inês Malheiro dos Santos Gonçalves**

Novembro 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Paula Mena Matos** (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

**Resumo:** Redes sociais como o Facebook constituem um contexto social alargado que privilegia as conexões interpessoais, influenciando não só no surgimento de relações românticas, como na manutenção das mesmas. Se, por um lado, parece aproximar os membros do par amoroso por via de uma comunicação fácil e rápida, partilha de afetos e interesses, por outro, pode intensificar a experiência de ciúme, bem como, comportamentos de monitorização do parceiro. A investigação sobre o ciúme relacionado com o Facebook é ainda escassa, contudo, sabe-se que para a sua explicação contribuem variáveis de ordem individual, relacional/interpessoal e sociocultural. O presente estudo tem como principal objetivo contribuir para o esclarecimento destas relações através da análise das associações entre o sexo, a intensidade do uso do Facebook (FB), a orientação de vinculação ao parceiro e a satisfação na relação. Adicionalmente, propõe-se a testar o efeito moderador da satisfação com a relação romântica na associação entre a vinculação e a experiência de ciúme no FB. Finalmente analisa a variação do modelo de articulação entre estas variáveis em função do sexo. A amostra é constituída por 542 jovens adultos, de ambos os sexos ( 75% de raparigas), que responderam a um questionário online. Os resultados encontrados, a partir de uma análise de caminhos, sugerem que a ansiedade face ao parceiro e a intensidade do uso do FB têm efeitos diretos positivos em todas as dimensões do ciúme (emocional, comportamental e cognitiva), contrariamente ao evitamento face ao parceiro que só teve um efeito direto na dimensão cognitiva do ciúme. Acresce um efeito de interação entre a satisfação na relação e o evitamento face ao parceiro na dimensão comportamental do ciúme, sendo que para valores elevados de evitamento e baixos da satisfação na relação, registam-se valores mais elevados na dimensão comportamental. O modelo concetual proposto provou-se globalmente invariável para os dois sexos, registando-se apenas diferenças significativas entre homens e mulheres no efeito da ansiedade face ao parceiro nas dimensões emocional e comportamental e no efeito de interação entre o evitamento e a satisfação na relação na dimensão cognitiva do ciúme, sendo estes efeitos significativos somente para as mulheres. Deste modo, estes resultados sugerem que variações nos valores da ansiedade face ao parceiro, como na intensidade do uso do FB, explicam variações nos valores de todas as dimensões do ciúme relacionado com o FB. Os resultados são analisados à luz da teoria da vinculação e de uma perspetiva de papéis de género. São apresentadas implicações para investigações futuras.

**Abstract:** Social networks such as Facebook seem to constitute a broad social context that privileges interpersonal connections, influencing not only the emergence of romantic relationships, but also the maintenance of them. If, on the one hand, it seems to bring the couple's members together through easy and rapid communication, sharing of affections and interests, on the other, it can intensify the experience of jealousy, as well as, partner monitoring behaviors. Jealousy related to Facebook is a phenomenon still in understanding, however, it is known that for its explanation contribute variables of personal, relational and sociocultural nature. The main objective of the present study is to contribute to the clarification of these relationships by analyzing the associations between sex, the orientation of the attachment with the partner, the intensity of use of Facebook (FB) and satisfaction in the relationship. Additionally, it is proposed to test the moderating effect of satisfaction in the romantic relationship in the association between attachment and jealousy experience in FB. Finally, it analyzes the variation of the articulation model between these variables as a function of sex. The sample is made up of 542 young adults, of both sexes (75% of girls), who answered an online questionnaire. The results suggest that the anxiety towards the partner and the intensity of the use of FB have direct effects in all the dimensions of the jealousy, as opposed to the avoidance towards the partner that only had a direct effect in the cognitive dimension of the jealousy. It was also found an interaction effect between satisfaction in relationship and avoidance towards the partner in the behavioral dimension of jealousy, being that for high values of avoidance and low satisfaction in the relationship, higher values are registered in the behavioral dimension. The proposed conceptual model proved to be globally invariant for both sexes, with only significant differences between men and women in the effect of anxiety towards the partner in the emotional and behavioral dimensions and in the interaction effect between avoidance and satisfaction in the relationship in cognitive dimension of jealousy, these effects being significant only for women. Thus, these results suggest that variations

in the values of anxiety, such as in the intensity of FB use, explain variations in the values of all dimensions of jealousy related to FB, and thus, the variables that best predict not only emotions, such as jealous behaviors and cognitions. Moreover, an effect of sex on the emotional dimension of jealousy suggests differences between men and women, with the latter indicating more jealous emotions than men. The results and implications for future investigations are discussed. Keywords: Facebook; romantic relationships; attachment; jealousy.

**Résumé :** Les réseaux sociaux comme Facebook semblent constituer un vaste contexte social qui privilégie les relations interpersonnelles et qui influe non seulement sur l'émergence de relations amoureuses, mais également sur leurs maintiens. Si, d'une part, il semble rapprocher les membres du couple par une communication facile et rapide, le partage des affections et des intérêts, de l'autre, cela peut intensifier l'expérience de la jalousie, ainsi que les comportements de surveillance du partenaire. La jalousie liée à Facebook est un phénomène encore à comprendre, cependant, il est connu que pour son explication contribuent des variables personnelles, interpersonnelles et socioculturelles. L'objectif principal de la présente étude est de contribuer à la clarification de ces relations en analysant les associations entre le sexe, l'orientation de la relation avec le partenaire, l'intensité d'utilisation de Facebook (FB) et la satisfaction dans la relation. En outre, il se propose de tester l'effet modérateur de la satisfaction à l'égard de la relation amoureuse à l'association entre l'expérience de liaison et l'expérience de jalousie chez FB. Finalement, il analyse la variation du modèle d'articulation entre ces variables en fonction du sexe. L'échantillon est composé de 542 jeunes adultes des deux sexes (75% de filles) qui ont répondu à un questionnaire en ligne. Les résultats suggèrent que l'anxiété envers le partenaire et l'intensité de l'utilisation du FB ont des effets directs sur toutes les dimensions de la jalousie, par opposition à l'évitement avec le partenaire qui n'a eu qu'un effet direct sur la dimension cognitive de la jalousie. Il existe également un effet d'interaction entre la satisfaction en relation et l'évitement envers le partenaire dans la dimension comportementale de la jalousie, étant donné que pour les valeurs élevées d'évitement et de faible satisfaction dans la relation, des valeurs plus élevées sont enregistrées dans la dimension comportementale. Le modèle conceptuel proposé s'est révélé globalement invariable pour les deux sexes, ne s'enregistrant seulement que de différences significatives entre les hommes et les femmes en ce qui concerne l'effet de l'anxiété face au partenaire dans les dimensions affective et comportementale et dans l'effet d'interaction entre l'évitement et la satisfaction dans la relation à la dimension cognitive de la jalousie, ces effets n'étant significatifs que pour les femmes. Ainsi, ces résultats suggèrent que les variations des valeurs d'anxiété chez le partenaire, telles que l'intensité de l'utilisation de la FB, expliquent les variations des valeurs de toutes les dimensions de la jalousie liées à la FB et, donc, les variables qui prédisent le mieux non seulement les émotions, telles que les comportements et les cognitions jalouses. De plus, un effet du sexe sur la dimension émotionnelle de la jalousie suggère des différences entre les hommes et les femmes, ces dernières en indiquant des émotions plus jalouses que les hommes. Les résultats et les implications pour les enquêtes futures sont discutés.

**Mots clés:** Facebook; relations amoureuses; attachement jalousie.

**Lista de Abreviaturas**

ERP-ER – Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais

Facebook Intensity Scale - FIS

Facebook Jealousy Scale - FJS

FB - Facebook

**Lista de Símbolos**

% Percentagem

$\chi^2$  Qui-quadrado

$\pm$  Mais ou menos

$\alpha$  Alfa

$\geq$  Maior ou igual

$\leq$  Menor ou igual

p Significância

$<$  Menor

df Graus de liberdade

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ESTADO DA ARTE .....	10
1. Facebook: Uso e Funções .....	10
2. O Ciúme Romântico .....	10
2.1. Utilização do Facebook como ferramenta de monitorização do parceiro .....	11
2.2. Diferenças de Sexo no Ciúme Romântico .....	12
3. Relações Românticas em Jovens Adultos: uma abordagem da teoria da vinculação.....	13
3.1. Vinculação e Ciúme .....	14
3.2. Vinculação, Ciúme e Satisfação na Relação .....	15
1. Objetivos.....	17
CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO.....	17
2. Hipóteses de Investigação .....	17
3. Método.....	18
3.1. Instrumentos.....	18
3.2. Participantes .....	19
3.3. Procedimentos.....	20
CAPÍTULO III- RESULTADOS.....	21
1. Análises Preliminares.....	21
1.1. Normalidade da Distribuição e Outliers .....	21
1.2. Análises Descritivas de Caracterização dos Participantes e Diferenças de sexo .....	21
2. Testagem do Modelo Concetual .....	22
2.1. Estudo Correlacional.....	22
2.2. Análise de Caminhos.....	23
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO .....	26
1. Discussão dos resultados .....	26
2. Limitações .....	30
3. Sugestões para investigação futura.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32



## INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos têm sido debatidos os efeitos positivos e/ou negativos da utilização das redes sociais no desenvolvimento do indivíduo, particularmente na socialização, crescimento pessoal, valores, personalidade, atitudes sociais e pessoais e satisfação com a vida (Brown, 2008; Whitty, 2008; Murray & Campbell, 2015). Contudo, a investigação relativa ao impacto do uso da Internet em geral e das redes sociais - i.e., *websites* onde as pessoas se registam e criam comunidades *online* para desenvolver relações - nas relações românticas é ainda parca (Brown, 2008; Helsper & Whitty, 2010; Murray & Campbell, 2015).

Vários autores alertam para a necessidade de se alargar o campo de investigação neste domínio. Bowe e Mod (2010) referem a necessidade de se investigar como as regras e rituais das redes sociais podem impactar as emoções humanas, bem como a experiência nas relações íntimas. Também Tucker (2014) alerta para a surpreendente falta de estudos sobre o uso do Facebook e os padrões de vinculação, sendo possível que indivíduos com diferentes comportamentos de vinculação usem esta rede social de formas diferentes, nomeadamente para determinadas atividades como a monitorização da relação. Investir neste campo de pesquisa é assim vital para os psicólogos na sua generalidade e, mais distintamente, para os psicoterapeutas de casal, no sentido de compreenderem o impacto das novas tecnologias de comunicação nas dinâmicas relacionais dos seus clientes de modo a formularem estratégias de promoção de uma relação mais saudável com as mesmas (Murray & Campbell, 2015).

No presente estudo pretende-se investigar de que modo o sexo, a intensidade do uso do Facebook, o padrão de vinculação ao parceiro e a satisfação na relação explicam o ciúme romântico relacionado com a rede social, uma vez que, até à data, esta rede social tem vindo a provar a sua implicação no quotidiano dos seus utilizadores e, como consequência, nas relações sociais (Papp, Danielewicz & Cayemberg, 2012; Bowe & Mod, 2010; Carpenter & Spottswood, 2013; Brown, 2008). A investigação tem constatado tanto vantagens como desvantagens da utilização do Facebook por sujeitos envolvidos em relações românticas. Como consequência positiva tem vindo a ser identificada a comunicação instantânea que diminui a distância entre membros da relação, bem como pares e membros da família, permitindo uma comunicação fácil e rápida, partilha de afetos e interesses e o consequente aumento da rede social (Brown, 2008; Murray & Campbell, 2015, Burke, Wallen, Vail-Smith & Knox, 2011, Whitty, 2008; Farrugia, 2013). Como consequências negativas o facto de o Facebook ser usado como ferramenta de controlo e monitorização do parceiro, pode ser fonte geradora de ciúme e pode facilitar a infidelidade *online*, bem como criar discórdia entre membros do casal (Bowe & Mod, 2010; Papp et al., 2012, Campbell & Murray, 2015; Helsper & Whitty, 2010).

A opção pelo Facebook releva do facto de se tratar da rede social mais utilizada no contexto português (Grupo Marktest, 2016). Não obstante, a possibilidade de aprofundar o conhecimento no universo das relações românticas na era digital, não se esgota na rede social em causa, i.e., o que atrai os utilizadores do Facebook, assim como os de outra rede social qualquer, vai além da designação atribuída à mesma, compreendendo motivações intrínsecas (gratificação) e extrínsecas (utilidade na medida em que permite melhorar o seu desempenho) dos próprios indivíduos e das redes (Lin & Luo, 2011).

## CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ESTADO DA ARTE

### 1. Facebook: Uso e Funções

O Facebook é uma rede social cujo intuito se prende com “...give people the power to share and make the world more open and connected. People use Facebook to stay connected with friends and family, to discover what’s going on in the world, and to share and express what matters to them” (Facebook Newsroom, disponível em <http://newsroom.fb.com/company-info/>). Esta rede social tem diversas funcionalidades, sendo que permite ao utilizador criar um perfil onde se apresenta (i.e., nome, estado civil, interesses, local de trabalho, onde estuda/ou, etc.), adicionar fotografias e partilhar pensamentos, sentimentos, comentários, artigos, notícias ou vídeos. Não obstante, o Facebook permite estabelecer uma rede de amigos com os quais cada utilizador passa a ficar conectado, podendo aceder ao seu perfil, ver as suas publicações e comentá-las e identificar-se mutuamente nas publicações de cada um, trocar mensagens instantâneas e fazer chamadas de vídeo. Enquanto utilizam o Facebook, os utilizadores podem adicionar ou apagar informação no seu perfil, fotografias que tenham adicionado e ainda quem estiver na sua rede de amigos. É provável que os efeitos de tornar-se próximo de outro utilizador se reflitam na conexão/edição (*adding/editing*) dos seus perfis (Carpenter & Spottswood, 2013).

Estatísticas disponíveis na página oficial desta rede social referentes a Dezembro de 2016, indicam que 1.23 mil milhões de pessoas, em média, utilizam diariamente o Facebook, 1.15 mil milhões utilizam diariamente a aplicação para o telemóvel, 1.86 mil milhões de utilizadores estão ativos mensalmente, 1.74 mil milhões de pessoas estão ativas mensalmente através da aplicação para telemóvel e aproximadamente 85.2% dos utilizadores diários estão fora dos EUA e Canadá.

### 2. O Ciúme Romântico

O ciúme é uma emoção experienciada quando uma pessoa é ameaçada pela perda de uma relação importante com outra pessoa (o parceiro) para um rival, sendo essa perda temida, real ou um facto do passado (Salovey, 1991). De acordo com Allen (2000), o ciúme romântico tem sido descrito como uma emoção composta, tendo sido salientadas a perplexidade, alarme, inveja, raiva e mágoa. Pfeiffer e Wong (1989), uns dos primeiros investigadores deste construto, propuseram que o ciúme é multidimensional composto por três componentes: pensamentos, sentimentos e estratégias de coping. De acordo com os autores, os pensamentos dizem respeito a pensamentos de suspeição e preocupação que ocorrem como resultado de uma ameaça à relação romântica valorizada, enquanto o ciúme emocional envolve as emoções de raiva, medo ou insegurança resultantes dessa ameaça. Os comportamentos ciumentos são concetualizados como medidas de deteção/proteção que uma pessoa toma quando são percecionados rivais (reais ou imaginários), sendo que estas incluem questionar e monitorizar o parceiro e revistar os seus pertences pessoais (Pfeiffer & Wong, 1989). Para além disso, os mesmos autores teorizam que cognições, emoções e comportamentos ciumentos podem ocorrer em simultâneo.

Também Guerrero e Andersen (1998) propuseram um modelo componencial do ciúme romântico cuja contribuição mais importante é a ênfase na distinção entre a experiência psicológica e a expressão comunicativa do ciúme, enfatizando as componentes da experiência emocional do ciúme e a sua expressão. De acordo com estes autores, o ciúme raramente é apenas experienciado como um fenómeno intrapessoal, pelo que as pessoas expressam o seu ciúme através de ações e comunicação interpessoal. Estes autores conduziram três estudos que se focaram na descoberta das categorias qualitativas das respostas comunicativas ao ciúme, tendo revelado 11 respostas comunicativas que foram divididas em duas categorias: respostas interativas

por causa do seu foco em envolver-se ou evitar a comunicação face-a-face e respostas gerais porque compreendem envolver-se em ações ou comportamentos que têm valor comunicativo mas que não envolvem necessariamente comunicação face-a-face (Guerrero & Andersen, 1998). É nas respostas gerais que encontramos a monitorização (espiar o parceiro).

### *2.1. Utilização do Facebook como ferramenta de monitorização do parceiro*

As ferramentas de comunicação disponíveis na Internet permitem não só a camuflagem, na medida em que qualquer pessoa pode ser quem quiser e certos comportamentos *online* são feitos sem que o parceiro tenha conhecimento, mas também a monitorização do parceiro, comportamentos como *cyberstalking*, assédio e outras formas de agressão (Bowe & Mod, 2010; Burke, Wallen, Vail-Smith & Knox, 2011; Helsper & Whitty, 2010; Murray & Campbell, 2015).

A monitorização é usada como uma forma de ter mais controlo sobre o mundo e tem origens tanto culturais como biológicas, pelo que as pessoas dependem deste comportamento para examinar o seu ambiente imediato e detetar comportamentos desviantes, pessoas ou eventos que tenham o potencial de lhes causar danos. Deste modo, a monitorização eletrónica interpessoal caracteriza-se por estratégias sub-reptícias que os indivíduos usam sobre as tecnologias de comunicação para se conscientizar sobre os comportamentos *offline* e/ou *online* de outro utilizador (Bowe & Mod, 2010). Este comportamento é orientado para um objetivo em que os variados contactos incluindo amigos próximos, parceiros românticos, colegas de trabalho, ou membros da família, podem ser colocados sob monitorização com o intuito de aceder a troca de mensagens, contactos ou relacionamentos recém-formados, informações sobre reuniões sociais futuras ou atendidas e atualizações de estado (Bowe & Mod, 2010).

Ter uma conta numa rede social é uma forma importante de aceder a uma parte central da vida quotidiana dos parceiros românticos. Os indivíduos podem analisar casualmente os perfis do seu parceiro romântico para recolher informações, sendo que grande parte delas está disponível nas redes sociais através de atualizações de estado (ou seja, informações atualizadas regularmente sobre a condição atual), *feeds* de notícias (ou seja, atualizações geradas automaticamente sobre a atividade *online* recente) e mensagens trocadas em *chats* (Bowe & Mod, 2010). Neste sentido, são vários os comportamentos *online* em que os utilizadores se podem envolver e que têm vindo a provar o seu impacto nas relações românticas (Bowe & Mod, 2010; Farrugia, 2013; Papp, Danielewicz & Cayemberg, 2012; Utz & Beukeboom, 2011). Estudos anteriores têm sugerido que os indivíduos que mudam o seu estado civil para “numa relação com” vêem esta alteração como uma progressão natural da relação, um passo em frente na mesma, mas, também, como uma maneira de impedir aproximação de pretendentes aos seus parceiros, sugerindo uma valência possessiva atribuída à mudança de estado civil. Por sua vez, aqueles que decidem não mudar o seu estado fazem-no, sobretudo, por uma questão de privacidade, medo de assumir tal compromisso público e as pressões que enfrentam de fontes externas ao relacionamento (Bowe & Mod., 2010). No estudo de Papp, Danielewicz, & Cayemberg (2012) em que se procurou relacionar uma mudança do estado civil *online* com uma satisfação na relação romântica, verificou-se que, para os homens, a partilha pública do estado civil está associada a níveis mais altos de satisfação no relacionamento dos próprios parceiros e dos seus parceiros (marginais). Ademais, relatos masculinos e femininos revelam ter tido desacordos sobre o estado de relacionamento no Facebook e foram associados com um nível mais baixo de satisfação no relacionamento nas mulheres, mas não nos homens, após contabilização do conflito verbal global.

Se, de alguma forma, a mudança de estado de civil parece funcionar como uma estratégia de posse, a promulgação desse papel pode ser vista através de demonstrações públicas de afeto (Bowe & Mod 2010). A mais aparente ilustração das relações românticas pode ser encontrada através da fotografia de perfil (Bowe & Mod, 2010; Papp, Danielewicz & Cayemberg, 2012). Em geral, isto significa que os casais tendem a expor a suas relações descrevendo-se a si mesmos e os seus parceiros na sua fotografia

de perfil, ou uma foto que é exibida na sua página de perfil (Farrugia, 2013). Colocar fotografias para o parceiro, com uma descrição como "eu amo-te" e "sinto a tua falta", bem como fazer piadas que ninguém mais iria compreender são os exemplos mais claros deste tipo de demonstrações. Estas demonstrações públicas de afeto têm equivalente *offline*, como seja dar as mãos, beijar e abraçar em público, que são tidas como formas aceitáveis de comportamento de casal em sociedades ocidentais (Bogle, 2008 cit in Bowe & Mod, 2010). Do mesmo modo, comentar/reagir a publicações do parceiro constitui uma demonstração pública de afeto sendo, tal como qualquer outra, uma promulgação de posse (Bowe & Mod, 2010).

Assim sendo, os perfis do Facebook podem conter muitas informações sobre os seus utilizadores e, por isso, esta rede social é um contexto ótimo para empregar estratégias *online* para monitorizar o comportamento do parceiro, sendo esta monitorização influenciada pela integração das redes sociais nas rotinas diárias. Alguns estudos verificaram que aqueles utilizadores que reconhecem que as redes sociais são uma parte importante das suas vidas, têm maior probabilidade de monitorizarem o parceiro. (Ellison, Steinfeld & Lampe, 2007; Elphinston & Noller, 2011; Tokunaga, 2011; Utz & Beukeboom, 2011). Embora a monitorização eletrónica do parceiro possa reduzir potencialmente a incerteza num relacionamento e, em última análise, aumentar a intimidade, ela também pode ter o efeito oposto ou nenhum efeito sobre os relacionamentos. No entanto é ainda parca a investigação no domínio das estratégias de monitorização e controlo do parceiro por via das novas tecnologias de comunicação. Não obstante, autores como Muise et al. (2009) e Tokunaga (2011) têm sugerido uma associação entre o uso do Facebook, o ciúme com ele relacionado e a monitorização do parceiro, que se processa através de um ciclo vicioso em que, quanto mais tempo a pessoa dedica a monitorizar o parceiro, é mais passível de se expor a informações que provocam ciúme, o que por sua vez pode levar a implementar mais estratégias de monitorização (Muise et al., 2009).

## *2.2. Diferenças de Sexo no Ciúme Romântico*

Uma grande quantidade de literatura afirma que a tendência a experimentar sentimentos de ciúme varia de acordo com o sexo (McAndrew, Shah & McAndrew, 2013). Vários estudos encontraram evidências sobre diferentes gatilhos para homens e mulheres no que concerne ao ciúme, evidências estas sustentadas pela psicologia evolucionista que advoga que os eventos que ativam o ciúme fisiológico e psicológico diferem entre homens e mulheres devido a diferentes problemas adaptativos que enfrentaram ao longo da história da evolução humana (Buss, Larsen, Westen, & Semmeiroth, 1992). Assim sendo, esta perspetiva assume que a mente humana evoluiu para ser responsiva aos estímulos contextuais que são relevantes para motivos fundamentais como a reprodução humana, pelo que, e dado o facto de a ligação ao par ser essencial para o sucesso reprodutivo, a avaliação do rival evoluiu para um processo automático. Quando tais estímulos contextuais são detetados, sistemas motivacionais são temporariamente ativados e mecanismos adaptativos de conteúdo específico são desencadeados – emoções, atitudes ou comportamentos (Massar & Buunk, 2011). Só na primeira década de 2000 é que a investigação se centrou no papel das características dos rivais no ciúme, tendo sido Dijkstra e Buunk (2002) os primeiros investigadores a desenvolver um inventário para mapear estas características, questionando os indivíduos que tipo de pessoa provocaria mais ciúme quando relacionado com o/a seu/sua parceiro/a. Os autores propuseram uma escala com cinco fatores: dominância social, atratividade física, comportamento sedutor e estatuto social, tendo encontrado que, para os homens, mais do que para as mulheres, o ciúme era evocado pela dominância física e social, enquanto que, para as mulheres, a atratividade física do rival foi a característica que evocou mais ciúme (Dijkstra & Buunk, 2002). Estes resultados têm sido suportados por estudos subsequentes (Buunk, Solano, Zurriaga & González, 2011; Fussell & Stollery, 2012; Massar & Buunk, 2011).

Relativamente a diferenças de sexo nas dimensões do ciúme romântico de acordo com o modelo concetual proposto por Pfeiffer e Wong (1989), Southard e Abel (2010) concluíram que as mulheres reportavam, em geral, níveis mais elevados de ciúme emocional e comportamental. Todavia, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres no que concerne ao ciúme cognitivo, contrariamente ao proposto por Aylor e Dainton (2001) que revelaram diferenças entre homens e mulheres nesta dimensão do ciúme, com os homens a obterem níveis mais elevados do que as mulheres. Além disso, tanto homens como mulheres numa relação romântica no momento do estudo, reportaram mais ciúme emocional do que aqueles que não se encontravam, naquele momento, numa relação, sendo que não foram encontradas diferenças nas outras dimensões do ciúme (Southard & Abel, 2010).

Não obstante os resultados sugeridos por diversos autores que indicam diferenças de sexo no ciúme romântico, DeSteno e Bartlett (2002) sugeriram que os resultados utilizados para suportar a perspetiva evolucionista do ciúme, representam um artefacto de medida que resulta do recurso a instrumentos de resposta forçada e não são respostas específicas do sexo moldadas pela evolução.

Se, por um lado, parece ser consensual as diferenças de sexo no que diz respeito ao ciúme romântico em geral, quer seja ou não resultado da história evolutiva, a literatura relativa às diferenças de sexo no ciúme relacionado com o Facebook é ainda parca, mas tem sugerido diferenças de sexo no ciúme, com as mulheres a relatarem sentir mais ciúme relacionado com o Facebook e terem mais comportamentos motivados pelo ciúme como monitorizar a atividade do parceiro na rede social, do que os homens (Hudson et al., 2015; McAndrew, Shah & McAndrew, 2013; Muise et al., 2009).

### **3. Relações Românticas em Jovens Adultos: uma abordagem da teoria da vinculação**

O processo de vinculação dos seres humanos, i.e., o processo pelo qual as indivíduos estabelecem laços afetivos com os cuidadores primários, promovendo a segurança emocional e simultaneamente a exploração do *self* e do outro, não se limita à infância, desenvolvendo-se ao longo do ciclo vital. Na infância, a relação de vinculação caracteriza-se por uma complementaridade e evolui, na idade adulta, para uma relação de reciprocidade, na qual os indivíduos podem vincular-se emocionalmente aos seus parceiros românticos e contar com eles como fonte principal de segurança, proteção e suporte (Hazan & Shaver, 1987; Matos & Costa, 1996).

A teoria a vinculação, baseada no trabalho de Bowlby e Ainsworth (*cited* in Hazan & Shaver, 1987), preconiza que o vínculo emocional aos pais e outros prestadores de cuidados na infância é a base dos modelos internos dinâmicos, esquemas do *self* e de relacionamento com os outros, que influenciam os sentimentos e comportamentos no âmbito dos relacionamentos de proximidade emocional. Ademais, as investigações nesta temática sugerem que as orientações de vinculação mensuráveis das crianças tendem a persistir e a tornarem-se mais elaboradas durante a adolescência e a vida adulta salvo certas circunstâncias (e.g. traumas, experiências, novas figuras de vinculação) que as podem alterar (Matos & Costa, 1996).

Idealmente, uma criança experiencia a responsividade das figuras de vinculação desenvolvendo estratégias de regulação emocional eficazes, incluindo a capacidade de lidar com eventos stressantes e a capacidade de confiar nos outros quando necessário (Bowlby, 1973; Morey et al., 2013). Este resultado é referido como o desenvolvimento de um estilo de vinculação seguro. Enquanto adultos, os indivíduos que desenvolveram padrões de vinculação mais seguros têm maior probabilidade de estarem em relacionamentos estáveis a longo prazo (Hazan & Shaver, 1987) e geralmente relatam mais frequentemente emoções positivas e menos negativas, bem como maior confiança, satisfação, interdependência e compromisso nos seus relacionamentos (Morey et al., 2013). Se, pelo contrário, os pais são menos responsivos e sensíveis, as crianças desenvolvem um dos três padrões de vinculação inseguros: ansioso/ambivalente, evitante ou desorganizado (Bowlby, 1973). O padrão ansioso/ambivalente pode surgir perante a

inconsistência na sensibilidade e responsividade da figura de vinculação, i.e., perante esta imprevisibilidade, a criança pode desenvolver uma hipervigilância pelo seu cuidador e ter dificuldade em estabelecer um sentido de segurança emocional (Morey et al., 2013). Na idade adulta, indivíduos altamente ansiosos tendem a empregar estratégias de hiperativação emocional, ou tentativas de aproximar o seu parceiro, em resposta ao seu medo de serem abandonados. Por sua vez, indivíduos altamente evitantes empregam estratégias de desativação ou tentam distanciar-se dos parceiros de modo a que eles não se tornem dependentes (Drouin & Landgraff, 2011). Algumas investigações indicaram que o padrão de vinculação desempenha um papel significativo na previsão de como os indivíduos comunicam nos relacionamentos (Luo, 2014; Raeisipoor, Fallahchai & Zarei, 2013).

### *3.1. Vinculação e Ciúme*

Como mencionado anteriormente, os padrões de vinculação parecem influenciar as relações com o par romântico na idade adulta, no que concerne à estabilidade (Hazan & Shaver, 1987) e satisfação da mesma (Brennan & Shaver, 1995; Raeisipoor, Fallahchai. & Zarei, 2013; Simpson, 1990), bem como a comunicação entre o casal (Luo, 2014; Raeisipoor et al., 2013). Para além disso, alguns estudos têm mostrado que diferenças no padrão de vinculação parecem influenciar tanto a frequência como os padrões da expressão do ciúme (Marazziti, Consoli, Albanese, Laquidara, Baroni & Dell’Osso, 2010).

Marazziti et al. (2010), na tentativa de explicar os padrões de vinculação, recorreram ao modelo de 4 padrões de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991): seguro, desinvestido, preocupado e amedrontado. Quando compararam os valores médios das dimensões de um questionário do ciúme (Questionario della Gelosia), verificaram que sujeitos com o padrão preocupado obtiveram pontuações mais elevadas na obsessão, sensibilidade interpessoal e medo da perda do que os indivíduos com um padrão de vinculação seguro. Os sujeitos amedrontados também reportaram níveis significativamente mais elevados na dimensão medo da perda do que indivíduos seguros e uma tendência para registar valores elevados noutras dimensões. Os indivíduos desinvestidos mostraram pontuações significativamente mais baixas na dimensão auto-estima do que os sujeitos seguros.

Relativamente à relação dos padrões de vinculação com o ciúme relacionado com o Facebook, Marshall, Bejanyan, Di Castro & Lee (2012) implementaram dois estudos que testaram a ansiedade e o evitamento como preditores do ciúme e monitorização relacionados com Facebook (ou seja, verificar a página de Facebook de um parceiro romântico). No primeiro estudo concluíram que a ansiedade se associava positivamente ao ciúme e monitorização através do Facebook, enquanto o evitamento apresentava associações negativas. A associação da ansiedade com o ciúme no Facebook foi mediada, em parte, por uma menor confiança. O segundo estudo replicou este achado, e os resultados do diário mostraram ainda que ao longo de um período de uma semana, a ansiedade se associou positivamente com a monitorização, enquanto o evitamento se associou negativamente. A associação da ansiedade com maior monitorização do parceiro foi mediada, em parte, pelas experiências diárias de ciúme.

Supletivamente, alguns estudos preocuparam-se em estudar a relação dos padrões de vinculação com o uso do FB (Assunção & Matos, 2017; Nitzburg & Farber, 2013; Oldmeadow, Quinn & Kowert, 2013). Nitzburg e Farber (2013) estudaram o papel da vinculação na influência das perceções e emoções dos adultos emergentes acerca das redes sociais e a sua abertura nas mesmas. Verificaram que os padrões de vinculação desorganizado e ansioso predizem o uso das redes sociais com o intuito de evitarem a comunicação face-a-face, sugerindo que indivíduos com estas tendências usam as redes sociais para manterem as relações psicologicamente distantes. Contrariamente, o padrão de vinculação evitante não foi um preditor significativo do uso das redes sociais, o que vem sugerir que este padrão de vinculação está associado a menor envolvimento no estabelecimento de relações pessoais através das redes sociais. No mesmo sentido, Oldmeadow, Quinn e Kowert (2013) exploraram as relações entre ansiedade e evitamento e o uso do Facebook, tendo encontrado associações significativas entre o estilo de vinculação e a experiência no

Facebook. A ansiedade face à figura de vinculação estava fortemente associada à procura de conforto no Facebook, ou seja, estes indivíduos recorriam ao uso da rede social, particularmente, quando sentiam emoções negativas. O padrão de vinculação ansioso também se associou à preocupação com a avaliação pelos outros no Facebook. Tanto a procura pelo conforto quanto a preocupação com a avaliação estavam associadas ao evitamento, mas com magnitude inferior comparativamente com a ansiedade. O evitamento foi associado negativamente com a vinculação ao FB, abertura na rede social e positividade. Também Assunção e Matos (2017), no estudo de diferentes perfis de uso do Facebook em adolescentes, encontraram quatro *clusters* que apresentaram diferenças em variáveis desenvolvimentais e psicológicas, bem como o tempo passado no FB. As autoras reportaram que um uso mais problemático do FB está relacionado com vinculações menos seguras aos pais, níveis mais elevados de inibição da exploração e individualidade, níveis mais baixos na qualidade do laço afetivo e níveis mais elevados de ansiedade de separação.

### *3.2. Vinculação, Ciúme e Satisfação na Relação*

De um modo geral, a investigação tem suportado que a insatisfação na relação é um resultado do ciúme nas relações românticas (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007) e que a mesma é explicada pelos padrões de vinculação (Barry, Seager, & Brown, 2015; Brennan & Shaver, 1995; Raeisipoor et al., 2013; Simpson, 1990).

Simpson (1990) levou a cabo uma investigação que teve como objetivo analisar o impacto do padrão de vinculação (seguro, ansioso e evitante) nas relações românticas. Num estudo longitudinal com 144 casais, os autores verificaram que, para ambos os sexos, o padrão de vinculação seguro estava associado a maior interdependência na relação, compromisso, confiança e satisfação na relação do que para padrões de vinculação inseguros. Os padrões de vinculação ansioso e evitante estavam associados à experiência mais frequente de mais emoções negativas e menos positivas. Ainda no mesmo sentido, Raeisipoor et al. (2013) procuraram investigar a relação entre os padrões de vinculação, padrões de comunicação e satisfação numa amostra de sujeitos casados (N = 240 casais), verificando que os padrões de vinculação, mais concretamente o padrão ansioso e o evitante, são preditores significativos da satisfação conjugal, bem como dos padrões de comunicação.

Barelds e Barelds-Dijkstra (2007) estudaram a relação entre a qualidade da relação romântica e três diferentes tipos de ciúme (ciúme reativo, possessivo e ansioso), concluindo que tanto os níveis de ansiedade dos indivíduos como os dos seus parceiros românticos estavam negativamente correlacionados com a qualidade da relação. No entanto, o ciúme reativo (i.e., o grau em que cada indivíduo experiencia emoções negativas, quando o seu parceiro é ou foi emocional ou sexualmente infiel), foi positivamente associado à qualidade na relação, na medida em que os sujeitos parecem interpretar o ciúme reativo como um sinal de amor e carinho por parte do parceiro. Também Barry et al. (2015) procuraram perceber em que medida a satisfação na relação é explicada pelo padrão de vinculação. Os resultados indicaram que, tanto para homens como para mulheres, a satisfação na relação foi significativamente explicada pelo padrão de vinculação, contudo, para as mulheres, maior satisfação na relação foi predita por um padrão de vinculação menos evitante, enquanto para os homens, tanto o padrão de vinculação ansioso como evitante explicam a satisfação na relação, com menor níveis de ansiedade e evitamento a produzir maior satisfação na relação.

Em síntese, a investigação tem vindo a revelar que o ciúme romântico não só é afetado por fatores individuais (eg., sexo), como por fatores interpessoais e relacionais (eg., vinculação, satisfação na relação), mas também por variáveis complexas relacionadas com o ambiente sociocultural (Martínez-Léon, Peña, Salazar, García & Sierra, 2017). Estudos têm sido conduzidos acerca da forma como as redes sociais, como por exemplo o Facebook, estão relacionadas com o ciúme, à luz da exposição a informação ambígua neste domínio que alimenta imagens de situações de ameaça reais ou imaginárias (Muisse et al., 2009). Contudo, só nos meados dos anos 90 do século passado é que começaram a emergir um grande número de estudos científicos que

analisaram a relação do ciúme romântico e diferentes variáveis (Martínez-Léon et al., 2017). Ora, muito mais recente é o campo de pesquisa que se debruça sobre o ciúme relacionado com o Facebook, contudo os estudos têm vindo a sugerir diferenças culturais na expressão e resposta ao ciúme romântico (Zandbergen & Brown, 2015), pelo que, e considerando que as investigações acerca do impacto das redes sociais nas relações interpessoais, em Portugal, são ainda poucas, é importante perceber-se como relações entre diferentes variáveis (pessoais, interpessoais e socioculturais) se operacionalizam na nossa cultura. Não obstante a escassez de investigação, os resultados encontrados sugerem que o uso do Facebook têm um papel determinante na experiência de ciúme, no sentido em que quanto maior for a conectividade emocional e importância atribuída a esta rede, mais propenso se está a sentir ciúme (Elphinston & Noller, 2011; Utz & Beukeboom, 2011). Ademais, diferenças de sexo no ciúme relacionado com o Facebook têm sido sugeridas, com as mulheres a registarem valores mais elevados e a tenderem a implementar mais estratégias de monitorização do parceiro (Hudson et al., 2015; Muise et al., 2009; McAndrew, Shah & McAndrew, 2013). Finalmente vários autores têm verificado que os padrões de vinculação são preditores significativos do ciúme, com o padrão ansioso a associar-se positivamente a este construto, contrariamente ao padrão de vinculação evitante (Marshall et al., 2012; Nitzburg & Farber, 2013).



## CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO

### 1. Objetivos

O presente estudo tem como objetivo principal analisar as associações entre o sexo, a intensidade do uso do Facebook (FB), a orientação de vinculação ao parceiro, e a satisfação na relação na predição do ciúme relacionado com a rede social FB. Adicionalmente será testado o efeito moderador da satisfação na associação entre a vinculação e experiência de ciúme no FB. Será igualmente analisado em que medida o modelo de articulação entre variáveis varia em função do sexo. A figura 1 apresenta o modelo concetual baseado na investigação feita até à data neste domínio e numa articulação teórico-conceptual entre as variáveis.

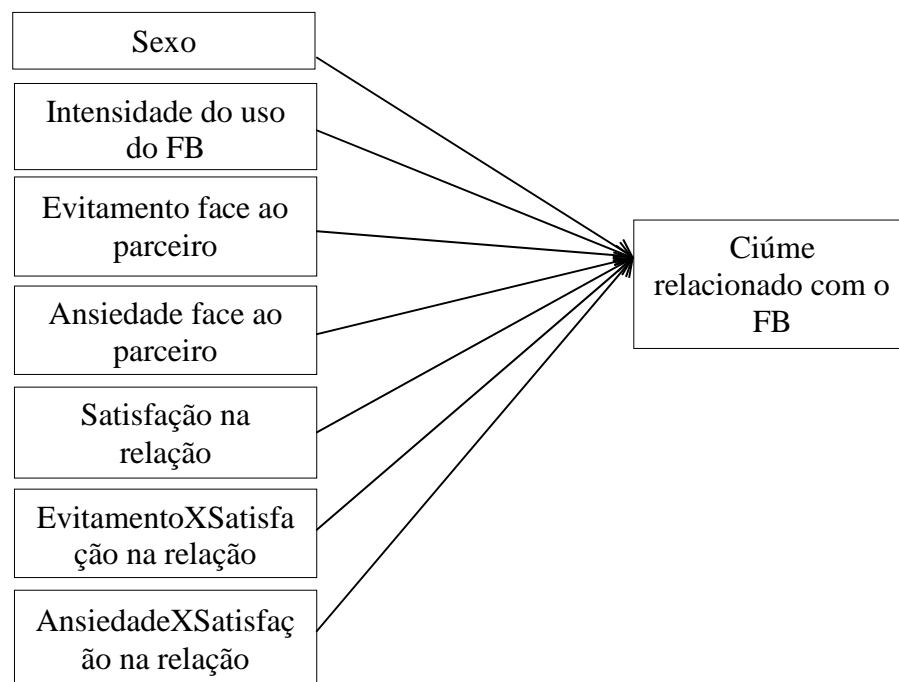


Figura 1: Modelo conceptual do presente estudo

### 2. Hipóteses de Investigação

Com base nos achados da literatura sobre o ciúme, os indivíduos ansiosos revelam uma tendência a serem hipervigilantes em relação a sinais de disponibilidade do parceiro (Drouin & Landgraff, 2011), podendo levá-los a monitorizar excessivamente a atividade do FB dos mesmos. Assim sendo, hipotizamos que a ansiedade face ao parceiro esteja positivamente associada ao ciúme relacionado com o FB (H1). Em contraste, os esforços defensivos dos indivíduos evitantes para precaver a ativação do sistema de vinculação (Drouin & Landgraff, 2011) podem significar que estes são menos propensos a verificar a página do Facebook do parceiro e são menos propensos a sentir ciúme do que indivíduos ansiosos. Espera-se, então, que a dimensão evitamento face ao parceiro, esteja negativamente associada ao ciúme relacionado com o FB (H2).

Uma vez que os estudos vêm comprovar a associação dos padrões de vinculação ansioso e evitante à experiência de mais emoções negativas, bem como a sua capacidade preditiva da satisfação na relação, prevemos uma associação negativa entre a ansiedade e evitamento face ao parceiro e a satisfação na relação na mesma, ou seja sujeitos que relatam mais ansiedade face ao parceiro, também indicam menor satisfação na relação (H3). Prevê-se, igualmente, que os sujeitos que relatem menos satisfação na relação, também expressem sentir mais ciúme relacionado com o FB (H4).

Espera-se que, e em consenso com os resultados encontrados por Ellison, Steinfeld e Lampe (2007), Elphinston e Noller (2011), Tokunaga (2011) e Utz e Beukeboom (2011), a intensidade do uso do FB, que mede a conectividade emocional à rede social e a sua integração nas suas rotinas, se correlacione positivamente com o ciúme relacionado com a rede social (H5).

De acordo com os resultados encontrados por Muise et al. (2009), esperamos que as mulheres reportem mais ciúme relacionado com o FB do que os homens (H6). Adicionalmente, esperamos que as associações da ansiedade e evitamento face ao parceiro com o ciúme relacionado com o FB sejam moderadas pela satisfação na relação (H7).

### 3. Método

#### 3.1. Instrumentos

Para este estudo foi elaborado um protocolo de avaliação que se compõe de um questionário sociodemográfico (idade, sexo, escolaridade, profissão e orientação sexual), um questionário com perguntas relativas à relação romântica (duração da relação, coabitação, tempo de coabitação e satisfação na relação), pela *Facebook Intensity Scale*, pela *Facebook Jealousy Scale* e pela escala de *Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais [ERP-ER]*.

A *Facebook Intensity Scale* (Ellison, Steinfeld & Lampe, 2007; versão portuguesa de Gonçalves & Matos, 2017) é um questionário de autorrelato com 6 itens que medem o uso do Facebook além de simples medidas de frequência e duração. Deste modo, a escala incorpora a conectividade emocional à rede social e a sua integração nas atividades diárias dos indivíduos, i.e., calcula, não só, em que medida cada participante está ativamente envolvido nas atividades do Facebook, mas também a extensão em que cada participante está emocionalmente conectado a esta rede social. (exs.: “O Facebook faz parte das minhas atividades diárias”; “Tenho orgulho em dizer às pessoas que estou no Facebook”). Os participantes respondem numa escala de Likert de 1 a 5, sendo que valores superiores dizem respeito a uma maior conectividade emocional com a rede social. Adicionalmente, e com vista à validação desta escala para propósitos desta investigação, foi analisada a estrutura fatorial e a consistência interna da mesma, tendo-se procedido a uma análise fatorial da qual resultou a extração de um fator que explica 57,03% da variância total, com todos os itens a apresentarem comunalidades acima de 0,40 (Field, 2005). O valor de Kraisier Meyer-Olkin indicou uma boa adequação amostral (KMO = 0,80) e o teste de esfericidade revelou-se significativo ( $p < 0,001$ ). Para esta escala, o valor de alfa de Cronbach foi de 0,85, sugerindo uma medida internamente consistente.

A *Facebook Jealousy Scale* (FJS; Muise et al., 2009; versão portuguesa de Gonçalves & Matos, 2017) é um questionário de autorrelato composto por 26 itens e destina-se a avaliar a experiência do ciúme no contexto específico do Facebook. A escala de resposta compõe-se por uma escala de Likert de 7 pontos (1 - muito improvável a 7 – muito provável). De referir que, para efeitos desta investigação, os itens concernentes ao ciúme em relação ao sexo oposto foram reformulados para incluir a opção do mesmo sexo e não negligenciar participantes envolvidos em relações românticas homossexuais.

A escala original propõe uma medida unidimensional, no entanto, a análise fatorial em componentes principais (rotação varimax) realizada com a presente amostra sugeriu a retenção de três componentes que explicam 61,2% da variância total. Ao analisarmos os valores das comunalidades, constatámos que estes variam entre 0,35 e 0,75, pelo que o item 8 (“fico chateado/a se o/a meu/minha parceiro/a limita o meu acesso o seu perfil”) foi retirado por registar um valor de comunalidade inferior a 0,40. Uma nova análise fatorial sugeriu a retenção de 3 componentes que explicam 62,82% da variância total, contudo os itens 9,17 e 18 não saturavam claramente num dos fatores, pelo que foram excluídos. Acresce que também os itens 11 e 26 saturaram em componentes

dos quais são conceitualmente distintos e, por esse motivo, também foram excluídos. A matriz definitiva (Tabela 1, Cf. Anexo A) contou com três componentes que explicam 65,56% da variância total e registou um valor de KMO de 0,93, bem como uma esfericidade significativa ( $p < 0,001$ ). Conceitualmente, foi possível observar três dimensões distintas da escala: uma dimensão emocional (experiência de ciúme e emoções associadas, 9 itens) (exs.: “Fico com ciúmes depois de ver que o/a meu/minha parceiro(a) adicionou um membro desconhecido do sexo oposto no Facebook”; “Sinto-me ameaçado/a se o/a meu/minha parceiro/a adicionar um parceiro romântico ou sexual passado ao seu grupo de amigos no Facebook”), uma dimensão comportamental (i.e., respostas gerais ao ciúme, nomeadamente a implementação de estratégias de monitorização do parceiro; 7 itens) (exs.: “Monitorizo as atividades do/a meu/minha parceiro/a no Facebook; “Verifico a página de Facebook do/a meu/minha parceiro/a regularmente”) e uma dimensão cognitiva (i.e., pensamentos de suspeição e preocupação face à ameaça real ou imaginária à relação romântica valorizada, 3 itens) (exs.: “Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a está secretamente a desenvolver uma relação íntima com alguém no Facebook; “Preocupo-me que o/ meu/minha parceiro/a esteja a usar o Facebook para iniciar relações com membros do sexo oposto”), confirmando o modelo proposto por Pfeiffer e Wong (1989). No presente estudo, os alfas de Cronbach para cada dimensão foram 0,93 (dimensão emocional), 0,87 (dimensão comportamental) e 0,86 (dimensão cognitiva), instituindo-se como medidas consistentes do construto em questão.

A escala *Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais* (ERP-ER; Fraley, Waller, & Brennan, 2000; versão portuguesa de Moreira & Canavarro, 2012), permite uma avaliação breve das dimensões de vinculação em diferentes contextos relacionais em duas dimensões: a ansiedade acerca do abandono (3 itens; ex.: “Preocupo-me frequentemente que esta pessoa não goste realmente de mim”; “Tenho medo que esta pessoa possa abandonar-me”) e o evitamento (6 itens; ex. “Ajuda-me poder contar com esta pessoa em situações de necessidade” (item invertido); “Prefiro não mostrar a esta pessoa como me sinto lá no fundo”). O ERP-ER é um instrumento de autorresposta composto por 9 itens, sendo os sujeitos instruídos a responder considerando a sua relação com a figura de vinculação alvo, numa escala de Likert de 7 pontos (1- discordo fortemente a 7 – concordo fortemente). No presente estudo apenas foi analisada a vinculação ao parceiro romântico, por ser aquela que mais nos interessa para explicar o impacto do Facebook nas relações românticas.

A análise fatorial em componentes principais (rotação varimax) confirmou a estrutura de dois fatores (ansiedade e evitamento que explicam 66,69% da variância total, com todos os itens de 1 a 6 a saturarem na dimensão do evitamento e os itens de 7 a 9 a saturarem na dimensão ansiedade. O valor de KMO foi de 0,80 e a esfericidade significativa para  $p < 0,001$ . Os alfas de Cronbach foram de 0,89 para a dimensão do evitamento e 0,80 para a dimensão da ansiedade face ao parceiro.

A *satisfação na relação* foi avaliada através de uma escala de Likert de 5 pontos, em que 1 corresponde a “muito insatisfeito” e 5 a “muito satisfeito”.

Os comportamentos *online* no FB foram avaliados com recurso a questões dicotómicas (SIM, NÃO) que indicam se os participantes se envolvem ou não nos comportamentos descritos (identificação do parceiro no estado civil do FB, identificação do parceiro em fotografia, reagir a publicações do parceiro e demonstrações públicas de afeto).

### 3.2. Participantes

A amostra é constituída por 542 participantes. Trata-se de uma amostra não probabilística intencional, na medida em que os participantes estão sujeitos a critérios de inclusão como ter entre 18 e 30 anos de idade, ter uma conta pessoal no Facebook e estar atualmente numa relação romântica.

Após a análise dos dados, foram excluídos do estudo os indivíduos que a) não completaram as respostas do questionário; b) responderam de forma incorreta às questões que implicavam indicar o total de meses que estão na relação e/ou partilham casa com o parceiro, preenchendo com valores que não são possíveis (e.g., tempo superior à sua idade) e c) não atenderam ao limite de idade

A amostra recolhida apresenta uma idade média de 22,6 anos ( $DP=\pm 2,90$ ), sendo a maior parte constituída por indivíduos do sexo feminino (75,5%), com bom nível de escolaridade (43,2% têm uma licenciatura e 25,4% um mestrado) e que se encontram atualmente num relacionamento romântico. O tempo médio de duração do relacionamento é de 34,62 meses ( $DP=\pm 29,49$ ), 95,9% dos sujeitos mantêm uma relação heterossexual, 13,7% partilham casa com o parceiro, sendo a média de tempo de coabitação de 23,89 meses ( $DP=\pm 19,53$ ). Na Tabela 2 encontram-se caracterização sociodemográfica da amostra.

Tabela 2.  
**Caracterização sociodemográfica da amostra.**

	n	M	DP	%
<b>Idade, anos (média + DP)</b>	542	22,63	$\pm 2,90$	
<b>Sexo (%)</b>				
Feminino	409			75,46
Masculino	133			24,54
<b>Escolaridade (%)</b>				
12 <sup>a</sup> ano de escolaridade	163			30,07
Licenciatura	229			42,25
Mestrado	138			25,46
Doutoramento	11			2,03
Outro	1			0,18
<b>Profissão<sup>1</sup></b>				
Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores	15			2,77
Técnicos e Profissões de Nível Intermédio	1			0,18
Pessoal Administrativo	2			0,37
Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas	109			20,11
Desempregado	7			1,29
Estudante	408			75,28

### 3.3. Procedimentos

A amostra foi recolhida a partir da plataforma digital Google Forms. Para a divulgação do questionário recorreu-se, numa primeira fase, à sua divulgação na rede social Facebook e, posteriormente, depois do consentimento da Reitoria da Universidade do Porto, à sua divulgação por toda a comunidade académica. O questionário resultante conta com um consentimento informado, onde os sujeitos declaram que participam voluntariamente na investigação, sendo garantidos os princípios éticos e deontológicos da não divulgação de dados de identificação dos mesmos.

De modo a podermos utilizar os instrumentos *Facebook Intensity Scale* e *Facebook Jealousy Scale*, e depois de recolhidas as devidas autorizações, traduziram-se os itens para a língua portuguesa e solicitou-se uma revisão a um especialista. Depois deste processo, foi realizada uma reflexão falada com 3 sujeitos para se averiguar falhas, dificuldades de compreensão e sugestões.

<sup>1</sup> Categorias de acordo com a Classificação Portuguesa de Profissões de 2010 (disponível em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt), acedido a 21/09 de 2018).

Para a análise dos dados foi utilizado o programa IBM SPSS Statistics 25® e o AMOS SPSS 25®.

## CAPÍTULO III- RESULTADOS

### 1. Análises Preliminares

#### *1.1. Normalidade da Distribuição e Outliers*

Depois de analisadas as propriedades psicométricas de cada escala, impõe-se a análise da distribuição das suas variáveis. Através do teste Kolmogorov-Smirnov pudemos constatar que os itens relativos à FIS, não apresentam uma distribuição normal, uma vez que para todos eles a estatística  $p$  é inferior a 0,05. Para a FJS, o teste Kolmogorov-Smirnov permitiu-nos concluir que a hipótese nula foi rejeitada e, como tal, os itens não apresentam uma distribuição normal. O mesmo se verifica para a ERP-ER. Também a variável satisfação na relação não apresentou uma distribuição normal ( $K-S(542)=0,127$ ,  $p<0,05$ ). Não obstante, para todas estas variáveis foi possível verificar que não existem desvios severos à distribuição normal, i.e.,  $|Sk|<3$  e  $|Ku|<10$  (ver Marôco, 2014). A existência de outliers foi avaliada através do cálculo das medidas de distância (Mahalanobis, Cook e Leverage), sendo que decidimos manter os casos extremos identificados, pois verificámos que a sua eliminação não produzia efeitos significativos na distribuição.

#### *1.2. Análises Descritivas de Caracterização dos Participantes e Diferenças de sexo*

Relativamente ao uso do Facebook, 41,7% dos participantes referem um estado civil no Facebook, com a maioria (29,2%) a indicar “numa relação” e 9,4% a indicar “solteiro/a”, apesar de estarem num relacionamento romântico. Não obstante a identificação do estado civil no Facebook, 55% dos participantes não o têm visível, constituindo informação a que só eles têm acesso, e 73,2% não identifica o parceiro no estado civil, quer esteja visível ou não. Para além disso, 59,2% tem fotografias no seu perfil com o par romântico, 77,3% comenta e reage a publicações do parceiro, 68,8% refere não trocar demonstrações públicas de afeto no Facebook (e.g. piadas privadas, “eu amo-te”, “sinto a tua falta”, etc.) com o seu par romântico e 88,2% refere ter planos futuros (e.g. casar, viver junto, ter filhos, etc.) que envolvam um compromisso a médio/longo prazo com o parceiro. Quanto à satisfação na relação, 68,5% dos participantes diz-se muito satisfeito na relação amorosa, 27,5% está satisfeito, 2,6% nem satisfeito nem insatisfeito, 1,1% insatisfeito e 0,4% muito insatisfeito. A Tabela 3 mostra as estatísticas descritivas e comparação por sexo para as variáveis no modelo de preditores do ciúme relacionado com o FB. Encontraram-se diferenças significativas entre mulheres e homens no evitamento face ao parceiro, na intensidade do uso do FB, na satisfação na relação e na dimensão emocional do ciúme, sendo que as mulheres apresentam valores superiores na intensidade do uso do FB, na satisfação na relação e na dimensão emocional do ciúme comparativamente aos homens. Na tabela 4 encontram-se as estatísticas descritivas para a orientação de vinculação ao parceiro em função de variáveis dicotómicas (SIM, NÃO) quanto à identificação do parceiro no estado civil, colocação de fotografias no perfil com o parceiro, comentários e reações às publicações do parceiro, demonstrações públicas de afeto e planos futuros para a relação romântica. Registaram-se diferenças significativas nos valores do evitamento para todas as variáveis, sendo que indivíduos mais evitantes não identificam o parceiro no estado civil do FB, não identificam o parceiro em fotografias no perfil, não reagem a publicações do parceiro e não se envolvem em demonstrações públicas de afeto (e.g., “amo-te”; “sinto a tua falta”). Para a ansiedade face ao parceiro só se registam diferenças significativas entre grupos quanto à publicação de fotografias no perfil do FB com o parceiro e quanto aos comentários e reações a publicações do parceiro. As análises indicaram que indivíduos mais ansiosos identificam o parceiro em fotografias no perfil do FB e a não reagem a publicações do parceiro.

Tabela 3.

**Estatísticas descritivas e diferenças de sexo para as variáveis em estudo.**

	Mulheres		Homens		<i>U</i> de Mann-Whitney	Eta <sup>2</sup>
	M	DP	M	DP		
Eviatmento face ao parceiro	1,65	0,78	1,88	1,00	23897,50*	0,008
Ansiedade face ao parceiro	2,72	1,70	2,93	1,82	25427,00	0,002
Intensidade do uso do Facebook	2,88	0,87	2,50	0,89	21069,50***	0,028
Satisfação na relação	4,67	0,58	4,50	0,77	24629,50*	0,008
Dimensão emocional do ciúme relacionado com o FB <sup>2</sup>	3,20	1,62	2,64	1,48	21694,00***	0,023
Dimensão comportamental do ciúme relacionado com o FB	1,66	0,94	1,48	0,80	24410,50	0,006
Dimensão cognitiva do ciúme relacionado com o FB	1,40	0,96	1,44	1,06	25834,00	0,002

*p*<0,001\*\*\*. *p*<0,01\*\*. *p*<0,05\*

Tabela 4.

**Diferenças na orientação de vinculação ao parceiro em função de variáveis relacionadas com o Facebook.**

		Evitamento face ao parceiro					Ansiedade face ao parceiro				
		n	M	DP	<i>U</i> de Mann-Whitney	Eta <sup>2</sup>	n	M	DP	<i>U</i> de Mann-Whitney	Eta <sup>2</sup>
Identificação do parceiro no estado civil do FB	Sim	145	1,42	0,59	21175,00***	0,043	145	2,58	1,68	25954,50	0,006
	Não	397	1,81	0,90			397	2,84	1,74		
Fotografias com o parceiro	Sim	321	1,54	0,70	25948,00***	0,054	321	2,60	1,62	31392,00*	0,010
	Não	221	1,95	0,97			221	3,01	1,86		
Comentários e reações a publicações do parceiro	Sim	419	1,61	0,72	19930,50***	0,028	419	2,83	1,70	22406,00*	0,009
	Não	123	2,04	1,10			123	2,56	1,81		
Demonstrações públicas de afeto	Sim	169	1,56	0,74	27040,00**	0,013	169	2,81	1,75	30871,00	0,000
	Não	373	1,77	0,88			373	2,75	1,72		

*p*<0,001\*\*\*. *p*<0,01\*\*. *p*<0,05\*

**2. Testagem do Modelo Concetual***2.1. Estudo Correlacional*

As correlações entre as variáveis em estudo podem ser encontradas em anexo na Tabela 5 (Cf. Anexo B), tendo variado entre -0,35 e 0,63. O evitamento face ao parceiro não se correlacionou com a dimensão emocional do ciúme, no entanto associou-se

<sup>2</sup> O estudo dos instrumento avançou conom uma estrutura em três componentes

positiva e significativamente com as restantes dimensões do ciúme. A ansiedade face ao parceiro correlacionou-se positiva e significativamente com todas as dimensões do ciúme, sendo os coeficientes de correlação superiores aos encontrados para a ansiedade. Relativamente à intensidade do uso do FB, verificaram-se associações positivas e significativas com as três dimensões do ciúme. Já no que concerne à satisfação na relação foram encontradas correlações negativas significativas entre a satisfação na relação e as dimensões comportamental e cognitiva do ciúme relacionado com o FB, mas não com a dimensão emocional, contrariamente ao esperado. Adicionalmente, as três dimensões do ciúme relacionado com o FB correlacionaram-se positiva e significativamente, como seria expectável.

Para além destas associações, também verificamos as correlações por sexo (Tabela 6, Cf. Anexo C), tendo estas variado entre -0,37 e 0,64. Constatámos que o evitamento face ao parceiro estava positiva e significativamente correlacionado com as dimensões comportamental e cognitiva para as mulheres, mas não para a dimensão emocional. A ansiedade face ao parceiro correlacionou-se positiva e significativamente com todas as dimensões do ciúme, no grupo das mulheres. No grupo dos homens, o evitamento face ao parceiro só se associou positiva e significativamente à dimensão cognitiva. Quanto à ansiedade face ao parceiro, esta correlacionou-se positiva e significativamente com as dimensões emocional e cognitiva do ciúme relacionado com o FB, para os homens.

A satisfação na relação associou-se negativa e significativamente para todas as dimensões do ciúme no caso das mulheres, todavia, no grupo dos homens esta correlação só foi significativa para as dimensões comportamental e cognitiva. Já a intensidade do uso do FB relacionou-se positiva e significativamente com todas as dimensões do ciúme para as mulheres, mas apenas teve uma correlação significativa com as dimensões emocional e comportamental do ciúme, para os homens.

## 2.2. *Análise de Caminhos*

Para testar o modelo previamente proposto que articula as variáveis, sexo (0 para o sexo feminino e 1 para o sexo masculino), intensidade do uso do FB, ansiedade e evitamento face ao parceiro, e satisfação na relação na explicação das dimensões emocional, comportamental (estratégias de monitorização) e cognitiva do ciúme relacionado com a rede social foi realizada uma análise de caminhos. Introduziram-se, de igual modo, duas interações: ansiedade X satisfação e evitamento X satisfação<sup>3</sup>. As variáveis foram previamente calculadas fazendo-se a média das mesmas, e posteriormente centradas para evitar problemas de multicolineariedade.

A qualidade do ajustamento global do modelo foi verificada de acordo com os índices e respetivos valores de referência descritos por Marôco (2014)<sup>4</sup> a saber:  $X^2/df$ , CFI, GFI, RMSEA e  $P[rmsea \geq 0,05]$ . Obteve-se uma qualidade do ajustamento boa ( $X^2/df = 1,836$ ; CFI = 0,995; GFI = 0,996; RMSEA = 0,039;  $P[rmsea \geq 0,05] = 0,638$ ). A significância dos coeficientes de regressão foi avaliada após a estimação dos parâmetros pelo método da máxima verosimilhança, com reamostragem *Bootstrap* (Marôco, 2014). Para eliminar problemas multicolinearidade com o termo da interação, todas as variáveis foram centradas previamente.

O modelo ajustado explica 15%, 18% e 14% da variabilidade das variáveis dimensão emocional, comportamental e cognitiva do ciúme, respetivamente. Na Tabela 7 encontram-se os coeficientes de regressão não estandardizados para cada trajetória. A análise dos resultados indica que existem efeitos principais positivos da ansiedade face ao parceiro e da intensidade do uso do FB

<sup>3</sup> Testou-se a interação ansiedade X evitamento, mas esta não produziu efeitos significativos e contribuiu para o desajuste do modelo.

<sup>4</sup>  $X^2/df$  ]1; 2] – Ajustamento bom; CFI/GFI  $\geq 0,95$  – Ajustamento muito bom; RMSEA]0,05; 0,10] – Ajustamento aceitável;

nas três dimensões do ciúme relacionado com a rede social, assim como um efeito do sexo na dimensão emocional, sendo que os homens apresentam valores inferiores nesta dimensão comparativamente com as mulheres. Para além dos efeitos principais, também se verificou um efeito de interação entre o evitamento face ao parceiro e a satisfação na relação sobre a dimensão comportamental. Realizou-se uma análise dos coeficientes não estandardizados, do valor de interação entre as duas variáveis e a interseção com a dimensão comportamental do ciúme (valor B - constante) para detetar a direção da mesma (Figura 2, Cf. Anexo E), sendo que se verificou que para valores elevados de evitamento e baixos da satisfação na relação, registam-se valores mais elevados na dimensão comportamental (estratégias de monitorização) A Figura 1 (Cf. Anexo D) apresenta o modelo com as estimativas estandardizadas dos coeficientes de regressão e dos R<sup>2</sup> das variáveis dependentes.

Tabela 7.

**Coefficientes de regressão não estandardizados do modelo concetual proposto para a amostra total.**

Variável	Dimensão Emocional		Dimensão Comportamental		Dimensão cognitiva	
	b	Z	b	Z	b	Z
1. Sexo	-0,47**	-3,12	-0,18**	-2,14	-0,01	-0,06
2. Satisfação na relação	-,045	-,376	-,096	-1,455	-,019	,789
3. Evitamento face ao parceiro	-0,07	-0,81	0,04	0,83	,13*	2,37
4. Ansiedade face ao parceiro	0,21**	5,35	0,13**	5,84	0,14**	6,02
5. Intensidade do uso do Facebook	0,41**	5,50	0,21**	5,12	0,13**	2,85
6. EvitamentoXSatisfação na Relação	-0,12	-1,41	-0,12*	-2,54	-0,10	-2,03
7. AnsiedadeXSatisfação na Relação	-0,09	-1,56	-0,08	-2,44	-0,06	0,08

\*\*p<0,01; \*p<0,05

Uma vez observado um efeito direto do sexo sobre as dimensões emocional e comportamental do ciúme relacionado com o FB, o mesmo modelo foi então testado para os dois grupos, feminino e masculino (N = 409 e N = 133, respetivamente).

A qualidade do ajustamento global do modelo foi feita de acordo com os índices e respetivos valores de referência, como no caso do modelo acima, tendo-se alcançado uma qualidade do ajustamento boa ( $X^2/df = 1,836$ ; CFI = 0,993; GFI = 0,995; RMSEA = 0,039;  $P[rmsea \geq 0,05] = 0,638$ ). A significância dos coeficientes de regressão foi avaliada após a estimação dos parâmetros pelo método da máxima verosimilhança. O modelo ajustado explica 13%, 17% e 14% da variabilidade das varáveis dimensão emocional, dimensão comportamental e dimensão cognitiva do ciúme, respetivamente (Figura 3, Cf. Anexo F). Para o grupo do sexo feminino (Tabela 8), foram observados efeitos principais positivos da ansiedade face ao parceiro e da intensidade do uso do FB nas três dimensões do ciúme relacionado com a rede social ( $p < 0,01$  e  $p < 0,05$ ). Para além disso, um efeito de interação entre o evitamento face ao parceiro e a satisfação na relação predisse significativamente a dimensão comportamental e a dimensão cognitiva do ciúme relacionado com o FB (Figura , Cf. G). Relativamente ao sexo masculino (Tabela 9), verificaram-se efeitos principais significativos da intensidade do uso no FB nas dimensões emocional e comportamental, mas não na dimensão cognitiva. Adicionalmente, também se encontrou um efeito de interação entre a ansiedade face ao parceiro e a satisfação na relação na dimensão emocional do ciúme.



Tabela 8.

**Coefficientes de regressão não estandardizados para o modelo concetual proposto – Mulheres.**

Variável	Dimensão Emocional		Dimensão Comportamental		Dimensão cognitiva	
	b	Z	b	Z	b	Z
1. Satisfação na relação	-0,07	-0,48	-0,11	-1,38	0,02	0,22
2. Evitamento face ao parceiro	-,083	-,774	,015	,255	,128	2,070
3. Ansiedade face ao parceiro	0,25**	5,54	0,16**	6,39	0,17**	6,44
4. Intensidade do uso do Facebook	0,40**	4,65	0,23**	4,76	0,13**	2,68
5. EvitamentoXSatisfação na Relação	-0,22	-1,69	-0,18	-2,48	-0,24**	-3,17
6. AnsiedadeXSatisfação na Relação	-0,05	-1,11	0,00	0,03	-0,02	-0,24

\*\*p<0,01; \*p<0,05

Tabela 9.

**Coefficientes de regressão não estandardizados para o modelo concetual proposto – Homens.**

Variável	Dimensão Emocional		Dimensão Comportamental		Dimensão cognitiva	
	b	Z	b	Z	b	Z
1. Satisfação na relação	0,03	0,15	-0,08	-0,63	-0,13	-0,82
2. Evitamento face ao parceiro	-0,01	-0,05	0,12	1,43	0,17	1,54
3. Ansiedade face ao parceiro	0,06	0,75	0,01	0,18	0,04	0,77
4. Intensidade do uso do Facebook	0,39**	2,81	0,13*	1,82	0,11	1,12
5. EvitamentoXSatisfação na Relação	-0,08	-0,59	-0,06	-0,86	0,01	0,16
6. AnsiedadeXSatisfação na Relação	-,14	-2,69	-,12	1,68	-0,22	2,22

\*\*p<0,01; \*p<0,05

Antes de qualquer análise subsequente, testaram-se se as diferenças nos grupos quanto aos efeitos capazes de prever as variáveis de resposta. Para tal, procedeu-se à análise de invariância do modelo de medida das dimensões emocional, comportamental e cognitiva do ciúme relacionado com o FB, sendo que esta foi avaliada nos dois grupos por comparação ao modelo livre (com pesos fatoriais e variâncias/covariâncias dos fatores livres) com um modelo constrito onde foram fixados os pesos fatoriais e as variâncias/covariâncias dos dois grupos. A significância estatística da diferença foi feita com o teste Qui-quadrado como descrito em Marôco (2014). A significância das diferenças entre parâmetros do modelo foi avaliada com um teste Z produzido pelo AMOS para as comparações 2-a-2. O modelo constrito com pesos fatoriais fixos nas mulheres vs. homens não apresentou um ajustamento significativamente pior que o modelo com parâmetros livres ( $X^2_{(18)}= 22,833$ ;  $p = 0,197$ ), demonstrando a invariância do modelo de medida. Um teste Z à igualdade dos coeficientes estruturais revelou que os coeficientes referentes às trajetórias ansiedade face ao parceiro→ dimensão emocional ( $Z = 2,239$ ;  $p < 0,05$ ), ansiedade face ao parceiro→ dimensão comportamental ( $Z = 3,307$ ;  $p < 0,05$ ), ansiedade face ao parceiro→ dimensão cognitiva ( $Z = 2,136$ ,  $p < 0,05$ ) e a interação entre

evitamento face ao parceiro e a satisfação na relação → dimensão cognitiva ( $Z = -2,107$ ;  $p < 0,05$ ) (Figura 4, Cf. Anexo G) diferiram significativamente entre os dois grupos, sendo significativas para as mulheres e não para os homens.

## CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO

### 1. Discussão dos resultados

Os principais objetivos do presente estudo consistiram em (a) analisar as associações entre o sexo, a intensidade do uso do Facebook (FB), a orientação de vinculação ao parceiro, e a satisfação na predição do ciúme relacionado com a rede social; (b) testar o efeito moderador da satisfação na relação na associação entre a vinculação e experiência de ciúme no FB; e (c) testar se o modelo concetual de articulação entre variáveis proposto variava em função do sexo.

Os resultados encontrados sugerem que, de acordo com o esperado (H1), a ansiedade face ao parceiro se associou positiva e significativamente com todas as dimensões do ciúme relacionado com o FB, sugerindo que sujeitos que indicam maiores níveis de ansiedade face ao parceiro, também revelam sentir mais ciúme, implementam mais estratégias de monitorização como resposta a estas emoções e preocupam-se mais com a possibilidade de perda do parceiro romântico. Este resultado enquadra-se na teoria da vinculação e é consistente com resultados encontrados por Marazziti et al. (2010), que indicam que indivíduos preocupados revelam níveis mais elevados de obsessão e, portanto, tendem a envolver-se em pensamentos ruminativos acerca da possibilidade da perda do parceiro para um rival.

Adicionalmente, o evitamento face ao parceiro correlacionou-se positiva e significativamente com a dimensão comportamental e cognitiva do ciúme, mas não se associou significativamente com a dimensão emocional, não confirmando a hipótese proposta (H2) que pressupõe que os indivíduos evitantes, para precaver a ativação do sistema de vinculação (Drouin & Landgraff, 2011), serão menos propensos a verificar a página do Facebook do parceiro e a sentir ciúme, i.e., seria de prever que dimensão evitamento face ao parceiro estivesse negativamente associada ao ciúme relacionado com o FB (H2). Para além disso, a análise de caminhos revelou que o evitamento face ao parceiro só teve um efeito direto na dimensão cognitiva do ciúme, implicando que, não obstante não haver efeitos diretos do evitamento nas dimensões emocional e comportamental do ciúme, esta orientação de vinculação impacta na dimensão cognitiva, pelo que estes indivíduos envolver-se-ão em pensamentos de preocupação e suspeição. Segundo Pfeiffer e Wong (1989), na maioria dos casos, a emoção segue-se à avaliação cognitiva de ameaça, contudo, isto parece não ser consensual, na medida em que as reações afetivas a estímulos são, na maior parte das vezes, as primeiras reações de um organismo (Zajonc, 1980). Nesta medida, afeto e cognição estarão sob o controlo de sistemas separados e parcialmente independentes que podem influenciar-se um ao outro numa variedade de formas, e ambos constituem fontes independentes de efeitos no processamento de informação (Zajonc, 1980). Ora, será que os indivíduos mais evitantes, por terem aprendido, ao longo do desenvolvimento, a se desconectarem das suas necessidades de vinculação e a minimizar a importância das emoções, se socorrem de estratégias de supressão emocional em situações que percecionam uma ameaça real ou imaginária à relação romântica valorizada? Ou será que, por outro lado, não admitem experienciar emoções de ciúme, especialmente em questionários de escolha forçada, dada a sua dificuldade em revelar os seus sentimentos por meio a preservar um *self* sobrevalorizado que se institui como uma proteção a um *self* frágil que é altamente vulnerável a rejeições? Apesar de o evitamento face ao parceiro se ter correlacionado positiva e significativamente com as dimensões comportamental e cognitiva do ciúme, o evitamento apenas explica significativamente a dimensão cognitiva do ciúme, o que sugere que indivíduos mais evitantes se envolvem em pensamentos

de preocupação e suspeição, conquanto e, ainda assim, revelam sentir menos ciúme que os indivíduos ansiosos, na medida em que a ansiedade face ao parceiro teve efeitos diretos em todas as dimensões do ciúme relacionado com o FB.

De acordo com as hipóteses levantadas, foram encontradas correlações mais robustas entre as diferentes dimensões do ciúme relacionado com o FB para a ansiedade face ao parceiro do que para o evitamento face ao parceiro. Ainda, e no que diz respeito à análise de caminhos, a ansiedade face ao parceiro foi um preditor significativo de todas as dimensões do ciúme relacionado com o FB. Estes resultados não são de todo surpreendentes, uma vez que o Facebook, como contexto social alargado, permite o acesso a informação que de outra forma não seria possível aceder, informação esta que pode contribuir para a experiência de ciúme dada a sua ambiguidade e favorecer a necessidade de controlo dos indivíduos ansiosos, dotando-os de uma ferramenta de monitorização do parceiro. Não obstante, esta rede social pode oferecer vantagens sobre as interações fluídas para indivíduos ansiosos, uma vez que ter a capacidade de gerir cuidadosamente a auto-apresentação pode ser uma característica particularmente atraente para estes indivíduos, que desejam proximidade, mas antecipam e temem a rejeição. Ao gerir o modo como se apresentam aos outros, por meio de textos, imagens, links, etc., esses indivíduos podem sentir-se mais confiantes na sua capacidade para manter relacionamentos interpessoais. Da mesma forma, a capacidade de controlar o tempo e o ritmo das interações e de manter relacionamentos sem proximidade física e/ou emocional poderá atrair indivíduos com vinculações mais evitantes, na medida em que lhes permite controlar o tempo e o ritmo das suas interações e manter os relacionamentos sem proximidade física ou até psicológica, pois estes tendem a evitar a proximidade e a valorizar a sua autonomia.

Acresce que, e no que à satisfação na relação diz respeito (H3), se confirmou a hipótese de que tanto a ansiedade face ao parceiro, como o evitamento, se correlacionam negativa e significativamente com a mesma, indo ao encontro dos resultados encontrados em diversos estudos (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007, Raeisipoor, Fallahchai, & Zarei, 2013). Deste modo, indivíduos mais ansiosos e evitantes revelam menores níveis de satisfação na relação. A satisfação na relação correlacionou-se negativa e significativamente com todas as dimensões do ciúme, confirmando a hipótese proposta (H4). Todavia a satisfação na relação não teve, por si só, um efeito direto no ciúme relacionado com o Facebook, contando apenas com um efeito de interação com o evitamento face ao parceiro, significando que apenas os indivíduos mais evitantes e que indiquem sentir-se pouco satisfeitos na relação, admitem implementar estratégias de monitorização do parceiro. Daqui decorre que, as redes sociais *online*, e o Facebook em particular, podem conter uma série de características que facilitam o desenvolvimento e a manutenção de relacionamentos interpessoais para indivíduos com elevados níveis de ansiedade e / ou evitamento, todavia podem similarmente contribuir para a insatisfação na relação e para a experiência de ciúme. Estes relacionamentos românticos não são só mantidos *online*, mas poderão ser uma extensão dos contactos no quotidiano offline. Por outro lado os efeitos na dimensão comportamental do ciúme só surgem para indivíduos evitantes que são os que tendem a revelar maior insatisfação na relação.

Também a intensidade do uso do FB está positiva e significativamente associada ao ciúme relacionado com a rede social, em todas as dimensões, confirmando a nossa hipótese de investigação (H5), em consenso com o que a literatura tem vindo a sugerir (Elphinston & Noller, 2011; Muise et al., 2009; Utz & Beukeboom, 2011). De facto, indivíduos que atribuíram mais importância e integravam o Facebook nas suas rotinas diárias, também evidenciaram mais ciúme emocional, comportamental e cognitivo. Provavelmente quanto maior o valor e significado atribuído ao FB, maior importância é atribuída à informação que esta rede social disponibiliza, informação muitas vezes ambígua. Esta associação pode, contudo, ser bidirecional e, portanto, poder-se-á argumentar que quanto maior a conectividade emocional à rede e integração da mesma nas rotinas diárias, maior importância e significado atribuído à informação aí disponível e, portanto, mais emoções de raiva, medo ou insegurança a pessoa pode experienciar, emoções estas acompanhadas de pensamentos de suspeição e preocupação, bem como o emprego de estratégias de monitorização como

resposta à experiência emocional. Por sua vez, a experiência de ciúme poderá motivar a atribuição de mais importância e significado ao FB e a integrá-lo na rotina diária, por meio a tentar obter respostas para as suspeições/desconfianças.

Relativamente à hipótese que propõe diferenças de sexo quanto ao ciúme relacionado com o FB (H6), apenas encontramos diferenças significativas na dimensão emocional do ciúme, o que vem parcialmente ao encontro de estudos de outros autores que indicaram que as mulheres obtiveram pontuações mais elevadas nas dimensões emocional e cognitiva do ciúme do que os homens (Southard & Abel, 2010). No que concerne à análise multigrupo para as mulheres e para os homens, verificou-se que, de um modo geral, o modelo proposto é invariante para os dois sexos. Não obstante, verificaram-se diferenças significativas entre homens e mulheres, sendo que somente para as mulheres, foram encontrados efeitos diretos significativos da ansiedade face ao parceiro nas dimensões emocional e comportamental. Por outro lado, também se observou apenas para o grupo das mulheres um efeito de interação entre valores elevados de evitamento face ao parceiro e baixos da satisfação na relação (H7), na predição de valores mais elevados na dimensão cognitiva. Ora, uma reflexão ligada ao género e à cultura poderá iluminar estes resultados, no sentido em que a literatura tem vindo a sugerir que as mulheres e os homens agem de acordo com conceitos de feminilidade e masculinidade que são dominantes na sua cultura e que internalizaram. Estes conceitos podem ter um impacto muito importante na auto-imagem e na forma como as pessoas percecionam as suas relações interpessoais (Canto, Alvaro, Pereira, Garrido, Torres & Pereira, 2017). Num estudo recente de Canto et al. (2017) no contexto português, os homens obtiveram pontuações significativamente mais altas do que as mulheres na masculinidade, enquanto estas obtiveram maiores valores na feminidade, pelo que os autores argumentam que as normas culturais continuam a potencializar a perpetuação dos papéis de género. Os homens são socializados para adquirir, em maior grau, traços como assertividade, resistência e autoridade para que sejam capazes de proteger a sua família e propriedade, enquanto as mulheres são socializadas para adquirirem contenção sexual, modéstia e subordinação à autoridade. Acresce que os autores encontraram que quanto maior a identificação dos participantes com a cultura de honra (i.e., uma avaliação de comportamentos emocionalmente fortes e violentos como um meio de defender algo considerado como seu), mais estes se sentem afetados pelo ciúme de uma natureza sexual. Então, o ciúme é influenciado por múltiplos fatores, nomeadamente fatores culturais (Zandbergen & Brown, 2015), sendo que a cultura cria e impõe modelos normativos de amor romântico e diferentes formas de experienciar ciúme, mas também por fatores individuais como o padrão de vinculação (Martínez-Léon et al., 2017). Seria, assim, de esperar que, tendo em consideração os maiores valores de características associadas à feminidade nas mulheres que estas, por serem mais submissas e menos assertivas, registem valores mais elevados do que os homens na ansiedade face ao parceiro. De igual modo, seria de prever que os homens, por evidenciarem mais características associadas à masculinidade, obtivessem valores mais elevados no evitamento face ao parceiro. De facto, não se encontraram diferenças significativas na dimensão ansiedade face ao parceiro entre sexos, mas sim somente no evitamento, com os homens a registarem valores mais elevados do que as mulheres nesta dimensão. Para este resultado, podemos eventualmente interrogar que, com a globalização decorrente do surgimento da Internet, poderá haver uma menor identificação com a cultura e papéis de género do contexto português, e por esse motivo, revelar-se um entrecruzamento entre as características associadas a cada um dos sexos, i.e., será que as novas gerações, por estarem mais sujeitas ao fenómeno da globalização se identificam menos com papéis de género prototípicos da cultura portuguesa e caminham para uma difusão das características de feminidade e masculinidade, podendo estas estar indiferentemente presentes em cada um dos sexos?

Por último, é de mencionar que, numa análise de cariz mais exploratório, testaram-se as diferenças entre grupos relativamente a determinados comportamentos *online* – nomeadamente a identificação do parceiro no estado civil do FB, identificação do parceiro em fotografias no perfil do FB, comentários e reações a publicações do parceiro, demonstrações públicas de afeto e planos futuros - e a orientação de vinculação. Os resultados encontrados sugerem diferenças significativas entre aqueles

que admitem envolver-se nos comportamentos em causa e aqueles que negam fazê-lo, sendo que aqueles que obtiveram valores mais elevados de evitamento face ao parceiro, reportam não identificar o parceiro no estado civil do FB, partilhar fotografias onde identifiquem o parceiro, reagir a publicações deste, incluindo demonstrações públicas de afeto. Acresce que, para a ansiedade face ao parceiro só se verificaram diferenças significativas na identificação do parceiro em fotografias no perfil, com o grupo dos que reportam não o fazer a indicar valores mais elevados de ansiedade. Contrariamente indivíduos com níveis mais elevados de ansiedade reportam envolver-se em comentários e reações a publicações do parceiro. Seria, assim, de esperar que indivíduos mais evitantes não identificassem o parceiro no estado civil, contrariamente aos mais ansiosos, que se prevê que o façam pela sua necessidade de monitorizar a disponibilidade e capacidade de resposta do outro (Fraley, Niedenthal, Marks, Brumbaugh & Vicary, 2006). No presente estudo, diferenças significativas entre grupos relativamente à identificação do parceiro romântico no estado civil do FB só foram observadas para a dimensão evitamento e não para a dimensão ansiedade. Isto significa que, só no que concerne à dimensão do evitamento, aqueles que referiram não identificar o parceiro no estado civil, são significativamente mais evitantes face ao parceiro, do que os que o fazem, o que facilmente compreendemos, precisamente pelo medo que estes sujeitos têm em assumir um compromisso.

Quanto à identificação do parceiro em fotografias, os resultados encontrados sugerem que os sujeitos que não identificam o parceiro, obtêm pontuações significativamente mais elevadas na dimensão evitamento, do que aqueles que o fazem. Curiosamente, diferenças significativas entre grupos foram observadas para a ansiedade face ao parceiro, revelando que aqueles que não identificam o parceiro em fotografias no perfil do FB, têm valores mais elevados nesta dimensão. Isto parece sugerir que a identificação do parceiro em fotografias desempenha um papel de relevo na explicação da orientação de vinculação, tanto na dimensão evitamento como na dimensão ansiedade face ao parceiro. Poder-se-á argumentar que, enquanto no mundo *offline* é fácil eliminar fotografias ou cartas de amor de parceiros românticos passados, nas redes sociais este não é necessariamente o caso. Para além do impacto que a permanência de qualquer tipo de publicações, mas no caso, as fotografias de um parceiro romântico passado podem ter numa relação romântica subsequente, também poderão ter efeito na forma como a pessoa lida com o término de uma relação, uma vez que está mais sujeita a confrontar-se propositada ou acidentalmente com memórias de uma relação passada. Ora, os resultados para a dimensão do evitamento são de fácil compreensão, na medida em que, se identificar o parceiro numa fotografia no perfil do FB parece ser uma promulgação de um compromisso e, simultaneamente, uma demonstração pública de afeto, os indivíduos mais evitantes tenderão a não o fazer, pelas mesmas razões anunciadas anteriormente para a identificação do parceiro no estado civil. Os resultados para a dimensão ansiedade poderão sugerir que os indivíduos mais ansiosos, pelo aumento da probabilidade do parceiro captar a atenção de rivais através da fotografia, se sintam ameaçados exacerbando o medo da perda e, portanto, optem por não publicar fotografias com o parceiro. Ademais, e dada a permanência das publicações *online*, será que os sujeitos mais ansiosos optam por não identificar o parceiro em fotografias porque, vulgarizando a sociedade contemporânea a efemeridade das relações românticas, temem o impacto que poderá ter numa relação romântica futura? Ou, por outro lado, não querem correr o risco de se depararem com fotografias que despertem memórias de uma relação passada e os faça reafirmar a experiência de indisponibilidade do outro?

As demonstrações públicas de afeto expressas na forma de comentários, de qualquer tipo, às publicações do parceiro, contaram com diferenças significativas entre grupos nas dimensões evitamento e ansiedade face ao parceiro. Na primeira, aqueles que não reagem a publicações do parceiro são mais evitantes, enquanto na segunda, aqueles que o fazem são mais ansiosos. Estes resultados podem sugerir que indivíduos com uma orientação de vinculação evitante optam por manter as relações distantes psicologicamente, enquanto os sujeitos com uma orientação de vinculação ansiosa, por medo de perderem a relação romântica

valorizada, tentam agradar ao parceiro e manter a relação próxima (Nitzburg & Farber, 2013). Já no que concerne a demonstrações públicas de afeto que envolvem, especificamente, a expressão clara de afetos, bem como “piadas privadas”, registaram-se diferenças significativas no evitamento face ao parceiro entre os que reportam envolver-se e os que referem não envolver-se neste comportamento na dimensão do evitamento, com estes últimos a obterem valores mais elevados nesta dimensão. As justificações para os comportamentos *online* supracitados para sujeitos com uma orientação de vinculação evitante aplicam-se aqui. Para dimensão da ansiedade face ao parceiro não foram encontradas diferenças significativas entre grupos.

## **2. Limitações**

Embora os resultados do presente estudo contribuam para aprofundar o conhecimento sobre o ciúme relacionado com o Facebook, principalmente num contexto onde a investigação acerca do assunto é ainda escassa e, não obstante a metodologia implementada seja promissora em esclarecer o papel das orientações de vinculação nas interações no Facebook, apresenta desafios no que concerne à interpretação precisa dos dados. Isto é, pode ser difícil determinar a extensão na qual determinados aspetos do comportamento nesta rede social são realmente explicados pela vinculação, características sociodemográficas e/ou normas culturais – ou a outro padrão de interação mais complexo entre estas e outras variáveis. Assim sendo, sugere-se a articulação da investigação quantitativa com uma metodologia qualitativa, através da qual se capte a complexidade multidimensional de como os adultos experienciam e respondem às ameaças ao relacionamento romântico. Um método qualitativo parece adequado para explorar a percepção da ameaça da qual resulta a experiência emocional de ciúme, uma vez que os relatos dos indivíduos informarão acerca de como essas ameaças foram percebidas, interpretadas e respondidas (Fussell & Stollery, 2012). Às limitações da metodologia quantitativa acresce o risco de artefacto da medição, dado que se utilizou um formato de resposta de escolha forçada e alguns autores sugerem que este induz estratégias de tomada de decisão diferentes e mais difíceis para julgamentos de preferência (DeSteno & Bartlett, 2002), ou seja, o formato de escolha forçada não revela os principais significados, suposições, crenças e motivações que informaram essa escolha, pois o participante não tem oportunidade de explicar ou elaborar as razões para a sua decisão. Daqui decorre a necessidade de investigação que considere alternativas e avalie diretamente as reações dos indivíduos a situações autênticas de advocação de ciúme. Para além disso, este estudo é transversal, não permitindo inferências de causalidade e recorreu exclusivamente a questionários de autorrelato, podendo também ser suscetível a desejabilidade social.

Não obstante as limitações já mencionadas, a disparidade na dimensão amostral do grupo das mulheres e do grupo dos homens é uma limitação adicional, dado que estes últimos estão subrepresentados. Para além disso, a satisfação na relação foi avaliada por apenas um item numa escala ordinal, podendo instituir-se como frágil na medição do construto em causa. Contudo, depois de analisarmos diferentes modelos conceituais, concluímos que a satisfação na relação contribuíu para explicar o ciúme relacionado com o FB, favorecendo o ajustamento do modelo proposto.

## **3. Sugestões para investigação futura**

Dadas as limitações previamente enunciadas, começamos por ressaltar a necessidade de continuar a investir no estudo do ciúme relacionado com o Facebook, dada a difusão das redes sociais na sociedade contemporânea e o seu papel nas relações interpessoais. Acrescente-se a necessidade de estudos qualitativos que clarifiquem, através do acesso às percepções, pensamentos e

justificações dos indivíduos das associações que os dados estatísticos nos têm vindo a fornecer. Seria, inclusive, de extrema pertinência aceder à perspetiva dos dois membros do casal e comparar as perceções de ambos quanto à experiência do ciúme no Facebook. Seria também útil acompanhar os participantes no seu quotidiano no uso do Facebook, através de metodologias de recolha intensiva de dados que permitissem aferir dos processos de regulação emocional mais imediatos e das estratégias de monitorização do parceiro.

De acordo com Pfeiffer e Wong (1989), para uma determinada combinação de emoções ser considerada uma experiência de ciúme, a situação tem de ser percecionada pelo sujeito com uma ameaça a uma relação romântica valorizada, portanto, qualquer reação emocional a esta ameaça pode ser classificada como uma reação ciumenta. Assim sendo, e se para uma reação emocional ser considerada uma reação ciumenta tem de existir uma perceção real ou imaginária de ameaça à relação romântica, a questão que se levanta é como é que é feita a avaliação do rival *online*, i.e., sabendo que as características do rival avaliadas são, como proposto por Dijkstra e Buunk (2002), a atratividade física, a dominância social e física, o estatuto social e o comportamento sedutor, como é que estas características são avaliadas através do Facebook? Se, por um lado, parece lógico que a atratividade física seja facilmente avaliada através da fotografia de perfil, as restantes características não são, intuitivamente, facilmente percebidas através de fotografias, ou seja, o acesso a características de personalidade que indiquem os aspetos da dominância poderão não ser percebidos facilmente. Ora, uma outra questão surge: Será que, em primeira instância os utilizadores refletem o seu verdadeiro *self* no Facebook? Se sim, como é que estas são expressas e como são percecionadas pelos outros? A investigação tem encontrado resultados divergentes: autores há que propõem a hipótese da identidade virtual, sugerindo que os perfis *online* servem para os indivíduos criarem e comunicarem um *self* idealizado que não representa aquilo que realmente são (Manago, Graham, Greenfield, & Salimkhan, 2008). Não obstante, outros têm sugerido que as redes sociais constituem um contexto social alargado no qual os sujeitos podem expressar as suas características reais de personalidade, uma vez que as redes sociais integram várias fontes de informações pessoais que espelham aquelas encontradas em ambientes pessoais, como pensamentos particulares, imagens faciais e comportamento social, todos os quais são conhecidos por conter informações válidas sobre a personalidade (Back, Stopfer, Vazire, Gaddis, Schmukle, Egloff & Gosling, 2010). Deste modo, e considerando os resultados divergentes, esclarecimentos adicionais acerca desta questão são necessários.

Adicionalmente, propomos a continuação do processo de validação da *Facebook Jealousy Scale*, na medida em que esta se revelou uma escala multidimensional e não unidimensional como os autores da mesma propuseram. Esta nova organização fatorial vai ao encontro de uma concetualização multidimensional do ciúme, aliás já bem documentada na literatura. Esta é a única escala do nosso conhecimento que avalia o ciúme relacionado com o FB e uma contribuição importante desta investigação recai sobre a análise da estrutura fatorial da mesma, que é por si um contributo essencial para a validação do constructo em causa, embora esta careça de estudos de validação adicionais.

Um comentário suplementar à magnitude dos efeitos encontrados, bem como, à variância explicada pelo modelo concetual proposto poderá elucidar quanto a direções a tomar em investigações futuras. De facto, estes valores são, na sua generalidade, baixos, o que indica que variáveis adicionais devem ser tidas em consideração na explicação do ciúme relacionado com o Facebook. Neste sentido, consideramos pertinente o estudo do papel de variáveis que têm vindo a ser estudadas como antecedentes para o ciúme romântico. Recuperando o modelo componencial do ciúme romântico de Guerrero e Andersen (1998), os autores identificaram seis antecedentes do ciúme, designadamente o sexo (biológico), valores culturais, fatores de personalidade (e.g., auto-estima, locus de controlo e orientação de vinculação), fatores relacionais (e.g., dependência emocional, compromisso, fases da relação), fatores situacionais (e.g., consumo de drogas ou álcool, infidelidade sexual, eventos de vida stressantes) e comportamentos

estratégicos dos parceiros (e.g., ciúme fingido e outros “testes” à relação). Assim sendo, modelos conceituais subsequentes devem ser capazes de captar a complexidade da experiência de ciúme relacionado com o FB e investigar o contributo destas variáveis na sua compreensão. Acresce a necessidade de, nas questões de resposta dicotómica considerar um intervalo de frequências para esses itens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Redes sociais como o Facebook permitem um mundo mais conectado, onde as barreiras demográficas são facilmente transponíveis. De facto, essa parece ser uma das grandes vantagens do Facebook, mas que, simultaneamente, se institui como a sua maior desvantagem. Porquê? Se por um lado parece óbvio que facilita a comunicação e a partilha de informação/conteúdo, também viabiliza o acesso a informação à qual de outra forma não seria possível aceder. Esta partilha contínua de informação consiste, muitas vezes, em informação ambígua que pode constituir um gatilho à experiência emocional do ciúme que, acarreta consigo pensamentos de suspeição e preocupação face a uma ameaça real ou imaginária e que, parece resultar em comportamentos de monitorização como resposta a esta. De facto, a literatura tem vindo a comprovar que os padrões de vinculação inseguros são fatores predisponentes para o ciúme, conclusões que são suportadas neste estudo. Ora, sendo as redes sociais, um apanágio da sociedade em que vivemos, parece-nos inevitável que os avanços na tecnologia contribuam para uma maior distância entre o modo como os jovens adultos contemporâneos estabelecem relações e a forma como estas tarefas desenvolvimentais foram vividas pelos clínicos de outra geração. Daqui decorre a importância da contribuição da comunidade científica na compreensão de como é que fatores de ordem pessoal, relacional e sociocultural se traduzem nas redes sociais, i.e., que estratégias de vinculação, motivações e reforços as novas formas de tecnologia podem oferecer a clientes com histórias de vinculação e necessidades distintas. Só assim se poderá diminuir a distância entre jovens adultos e psicoterapeutas de outra geração, permitindo que estes últimos compreendam a natureza e influência do mundo tecnologicamente em crescendo dos seus clientes mais jovens.



## Bibliografia

- Allen, J., (2000). *ROMANTIC JEALOUSY: The Role of Attachment Style and Social Comparison Processes in the Violent Expression of Romantic Jealousy* (Ph.D. Thesis). University of Leicester, United Kingdom.
- Assunção, R. & Matos, P. M. (2017). Adolescents' profiles of problematic Facebook use and associations with developmental variables. *Computers in Human Behavior*, 75, 396-403. doi: 10.1016/j.chb.2017.05.034.
- Aylor, M. & Dainton, B. (2001). A relational uncertainty analysis of jealousy, trust, and maintenance in long-distance versus geographically close relationships. *Journal of Communication Quarterly*, 49(2), 172-188. doi: 10.1080/01463370109385624.
- Back, M. D., Stopfer, J. M., Vazire, S., Gaddis, S., Schmukle, S. C., Egloff, B. & Gosling, S. D., (2010). Facebook profiles reflect actual personality, not self-idealization. *Psychology Science*, 21(3), 372-374. doi: 10.1177/0956797609360756.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. doi: 10.1037/1040-3590.1.4.305.
- Bowe, G. & Mod, B. A. (2010). Reading romance: The impact Facebook rituals can have on a romantic relationship. *Journal of Comparative Research in Anthropology and Sociology*, 1(2), 61-77.
- Bowlby, J. (1973). Attachment and loss. Vol.2: Separation. New York: Basic Books.
- Brennan, K. & Shaver, P. (1995). Dimensions of Adult Attachment, Affect Regulation, and Romantic Relationship Functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21 (3), 267 – 283. doi: 10.1177/0146167295213008.
- Brown, M. (2008). Students' Internet Use and its Effects on the Quality of Romantic Relationships and Face-to-Face Communication. *Journal of History and Social Science*, 25-39.
- Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K. & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27, 1162–1167. doi: 10.1016/j.chb.2010.12.010.
- Buss, J. L., Larsen, R. J., Westen, D. & Semmeiroth, J. (1992). Sex Differences in Jealousy: Evolution, Physiology, and Psychology. *Psychological Science*, 3, 251-255. doi: 10.1111/j.1467-9280.1992.tb00038.x.
- Buunk, B., Angleitner, A., Oubaid, V. & Buss, D. (1996). Sex Differences in Jealousy in Evolutionary and Cultural Perspective. *Psychological Science*, 7, 359-363. doi: 10.1037/0022-3514.83.5.1103.
- Buunk, A. P., Castro Solano, A., Zurriaga, R., & Gonzalez, P. (2011). Gender differences in the jealousy-evoking effect of rival characteristics: A study in Spain and Argentina. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42(3), 323-339. doi: 10.1177/0022022111403664.
- Canto, J. M., Alvaro, J. L., Pereira, C., Garrido, A., Torres, A. R. & Pereira, M. E., (2017). Jealousy, Gender, and Culture of Honor: A Study in Portugal and Brazil. *The Journal of Psychology*, 151(6), 580-596. doi: 10.1080/00223980.2017.1372344.
- Carpenter, C.J. & Spottswood, E.L. (2013). Exploring romantic relationships on social networking sites using the self-expansion model. *Computers in Human Behavior*, 29, 1531–1537. doi: 10.1016/j.chb.2013.01.021.
- DeSteno, D., Bartlett, M. Y., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: Evolutionary mechanism or artifact of measurement? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1103-1116. doi:10.1037/0022-3514.83.5.1103.
- Dijkstra, P. & Buunk, B. P., (2002). Sex differences in the jealousy-evoking effect of rival characteristics. *European Journal of Social Psychology*, 32(6), 829-852. doi:10.1002/ejsp.125.
- Drouin, M. & Landgraff, C. (2011). Texting, sexting, and attachment in college students' romantic relationships. *Computers in Human Behavior*, 28, 444–449. doi:10.1016/j.chb.2011.10.015.

- Ellison, N. B., Steinfield, C. & Lampe, C. (2007). The Benefits of Facebook “Friends:” Social Capital and College Students’ Use of Online Social Network Sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12, 1143–1168. DOI: 10.1111/j.1083-6101.2007.00367.x.
- Elphinston, R. A. & Noller, P. (2011). Time to Face it! Facebook Intrusion and the Implications for Romantic Jealousy and Relationship Satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14(11), 631-635. doi: 10.1089/cyber.2010.0318.
- Farrugia, R. C. (2013). *Facebook and Relationships: A Study of How Social Media Use is Affecting Long-Term Relationship* (Master Thesis). Rochester Institute of Technology, EUA.
- Field, A. P. (2005). *Discovering statistics using SPSS* (2<sup>nd</sup> edition). London: Sage publications.
- Fraley, R. C., Waller, N. G. & Brennan, K. A. (2000). An Item Response Theory Analysis of Self-Report Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 350-365. doi: 10.1037//0022-3514.78.2.350.
- Fraley, R. C., Niedenthal, P. M., Marks, M., Brumbaugh, C. & Vicary, A. (2006). Adult Attachment and the Perception of Emotional Expressions: Probing the Hyperactivating Strategies Underlying Anxious Attachment. *Journal of Personality*, 74(4), 1163-1190. doi: 10.1111/j.1467-6494.2006.00406.x.
- Fussell, N. J. & Stollery, B. T. (2012). Between-sex differences in romantic jealousy: substance or spin? A qualitative analysis. *Evolutionary Psychology*, 10(1), 136-172. doi: 10.1177/147470491201000114.
- Guerrero, P. & Andersen, L. (1998). *Handbook of Communication and Emotion: Research, Theory, Applications, and Contexts*. Academic Press: EUA.
- Grupo Marktest (2016). Os Portugueses e as Redes Sociais 2016: Análise sobre o comportamento dos portugueses nas redes sociais, disponível em <http://www.marktest.com/wap/a/grp/p~96.aspx#>.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511–524. doi: 0022-3514/87/00.75.
- Helsper, E. J., & Whitty, M. T. (2010). Netiquette within married couples: Agreement about acceptable online behavior and surveillance between partners. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 916-926. doi: 10.1016/j.chb.2010.02.006.
- Hudson, M. B., Nicolas, S. C., Howser, M. E., Lipsett, K. E., Robinson, W. I., Pope, L. J., Hobby, A. F. & Friedman, D. R. (2015). Examining How Gender and Emoticons Influence Facebook Jealousy. *Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking*, 18(2), 87-92. doi: 10.1089/cyber.2014.0129.
- Lin, K. & Lu, H. (2011). Why people use social networking sites: An empirical study integrating network externalities and motivation theory. *Computers in Human Behavior*, 27, 1152–1161. doi: 10.1016/j.chb.2010.12.009.
- Livingstone, S. & Helsper, E. (2007). Taking risks when communicating on the Internet: the role of offline social psychological factors in young people's vulnerability to online risks. *Information, communication and society*, 10(5). 619-643. doi: 10.1080/13691180701657998.
- Luo, S. (2014). Effects of texting on satisfaction in romantic relationships: The role of attachment. *Computers in Human Behavior*, 33, 145–152. doi: 10.1016/j.chb.2014.01.014.
- Manago, A. M., Graham, M. B., Greenfield, P. M. & Salimkhan, G. (2008). Self-presentation and gender on MySpace. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 446–458. doi: 10.1016/j.appdev.2008.07.001.
- Marôco, J. (2014). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software & Aplicações*. CAFILESA-Soluções Gráficas, Lda., Lisboa.

- Marshall, T. C., Bejanyan, K., Di Castro, G. & Lee, R. A. (2012), Attachment styles as predictors of Facebook-related jealousy and surveillance in romantic relationships. *Social Psychology*, 20(1), 1-22. doi: 10.1111/j.1475-6811.2011.01393.x.
- Martínez-Léon, N. C. Peña, J. J., Salazar, H. García, A. & Sierra, J. C. (2017). A systematic review of romantic jealousy in relationships. *Terapia Psicológica*, 35(2), 203-212. doi: 10.4067/s0718-48082017000200203.
- Massar, K. & Buunk, A. P. (2011). Does attractiveness sell? Women's attitude toward a product as a function of model attractiveness, gender priming, and social comparison orientation. *Netherlands Journal of Psychology*, 66(3), 70-77. doi: 10.1002/mar.20421.
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Morey, J. N., Gentzler, A. L., Creasy, B., Oberhauser, A. M. & Westerman, D. (2013). Young adults' use of communication technology within their romantic relationships and associations with attachment style. *Computers in Human Behavior*, 29, 1771–1778. doi: 10.1016/j.chb.2013.02.019.
- Muise, A., Christofides, E., & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does Facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? *Cyberpsychology & Behavior*, 12(4), 441-445. DOI: 10.1089=cpb.2008.0263.
- Nitzburg, G. C. & Farber, B. A. (2013). Putting up emotional (Facebook) walls? Attachment status and emerging adults' experiences of social networking sites. *Journal of Clinical Psychology*, 69(11), 1183-1190. doi: 10.1002/jclp.22045.
- Oldmeadow, J. A., Quinn, S. & Kowert, R. (2013). Attachment style, social skills, and Facebook use amongst adults. *Computers in Human Behavior*, 29(3), 1142-1149. doi: 10.1016/j.chb.2012.10.006.
- Orosz, G., Szekers, A., Farkas, P. & Roland-Lévy, C. (2015). Elevated romantic love and jealousy if relationship status is declared on Facebook. *Frontiers in Psychology*, 6 (214), 1-6. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00214.
- Papp, L. M., Danielewicz, J., & Cayemberg, C. (2012). “Are we Facebook official?” implications of dating partners' Facebook use and profiles for intimate relationship satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(2), 85-90. doi: 10.1089/cyber.2011.0291.
- Park, N., Jin, B., & Jin, S. A. (2011). Effects of self-disclosure on relational intimacy in Facebook. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1974-1983. doi: 10.1016/j.chb.2011.05.004.
- Pfeiffer, S. M. & Wong, P. T. P. (1989). Multidimensional Jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6 (2), 181-196. doi: 10.1177/026540758900600203.
- Raeisipoor, Z., Fallahchai, R. & Zarei, E. (2013). The Study of Adult Attachment Styles, Communication Patterns, and Marital Satisfaction. *Journal of Life Science and Biomedicine*, 3(1), 64-68. doi: 2251-9939.
- Salovey, P. (1991). *The Psychology of Jealousy and Envy*. The Guilford Press: EUA.
- Simpson, J. (1990). Influence of Attachment Styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99 (5), 971-980.
- Southard, A. & Abel, M. H. (2010). Sex Differences in Romantic Jealousy: Evaluating Past and Present Relationship Experience. *American Journal of Psychological Research*, 6(1), 41-49. doi: 10.1177/147470491201000114.
- Tokunaga, R. S. (2011). Social networking site or social surveillance site? Understanding the use of interpersonal electronic surveillance in romantic relationships. *Computers in Human Behavior*, 27(2), 705-713. doi: 10.1016/j.chb.2010.08.014.
- Tucker, J. R. (2014). *It's Complicated: The Role of Facebook in Romantic Relationships Concerning Relational Certainty, Attachment, and Self-Esteem* (Master Thesis). Portland State University, EUA. doi:10.15760/etd.1982

- Utz, S., & Beukeboom, C. J. (2011). The Role of Social Network Sites in Romantic Relationships: Effects on Jealousy and Relationship Happiness. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 16(4), 511-527. doi: 10.1111/j.1083-6101.2011.01552.x.
- Weisskirch, R. S. & Delevi, R. (2011). “Sexting” and adult romantic attachment. *Computers in Human Behavior*, 27, 1697–1701. doi: 10.1016/j.chb.2011.02.008.
- Whitty, M. T. (2008). Liberating or debilitating? An examination of romantic relationships, sexual relationships and friendships on the net. *Computers in Human Behavior*, 24(5), 1837-1850. doi: 10.1016/j.chb.2008.02.009.
- Zajonc, R. B. (1980). Feeling and Thinking: Preferences Need No Inferences. *American Psychologist*, 35(2), 151-175.
- Zandbergen, D. & Brown, S. (2015). Culture and gender differences in romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, 72, 122-127. doi: 10.1016/j.paid.2014.08.035.

Anexos

Anexo A

Tabela 1

Matriz proposta da *Facebook Jealousy Scale* – itens por componente.

Dimensão emocional	Dimensão comportamental	Dimensão cognitiva
1.Fico com ciúmes depois de ver que o/a meu/minha parceiro(a) adicionou um membro desconhecido do sexo oposto no Facebook.	4. Monitorizo as atividades do/a meu/minha parceiro/a no Facebook.	14. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a está secretamente a desenvolver uma relação íntima com alguém no Facebook.
2. Fico chateado/a se o/a meu/minha parceiro/a não posta o estado civil correto no Facebook.	6. Questiono o/a meu/minha Parceiro/a acerca dos seus amigos no Facebook.	15. Preocupo-me que o/ meu/minha parceiro/a esteja a usar o Facebook para iniciar relações com membros do sexo oposto.
3. Sinto-me ameaçado/a se o/a meu/minha parceiro/a adicionar um parceiro romântico ou sexual passado ao seu grupo de amigos no Facebook	19.Tenho discussões com o/a meu/minha parceiro/a sobre o Facebook.	21. Preocupo-me que o/meu/minha parceiro/a esteja a usar o Facebook para se reconectar com parceiros românticos ou sexuais passados.
5. Fico com ciúmes depois de ver que o/a meu/minha parceiro/a postou uma mensagem no mural sobre alguém do sexo oposto	20.Verifico a página de Facebook do/a meu/minha parceiro/a regularmente.	
7.Sinto ciúmes se o/a meu/minha parceiro/a postar imagens no Facebook dele/a com o braço à volta de alguém do sexo oposto.	22. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre as suas atividades no Facebook.	
10. Sinto ciúmes se o/a meu/minha parceiro/a posta fotografias suas com um parceiro romântico ou sexual anterior.	23. Adiciono os amigos do/a meu/minha parceiro/a ao meu Facebook para vigiá-lo/a.	
12. Sinto ciúmes depois de ver que o/a meu/minha parceiro/a recebeu uma mensagem no mural de alguém do sexo oposto.	24. Tento usar o Facebook para provocar ciúmes no/a meu/minha parceiro/a.	
13. Sinto ciúmes se o/a meu/minha parceiro/a postar imagens dele/a com membros desconhecidos do sexo oposto.		
16. Sinto ciúmes se o/a meu/minha parceiro/a posta fotografias suas que são sexualmente provocantes.		

Anexo B

Tabela 5

Inter-correlações entre as variáveis de estudo

Variável	1	2	3	4	5	6	7
1. Satisfação na relação	--						
2. Evitamento face ao parceiro	-0,35**	--					
3. Ansiedade face ao parceiro	-0,21**	0,31**	--				
4. Intensidade do uso do Facebook	-0,07*	-0,03	0,14**	--			
5. Dimensão emocional do ciúme relacionado com o FB	-0,08**	0,07	0,26**	0,28**	--		
6. Dimensão comportamental do ciúme relacionado com o FB	-0,16**	0,17**	0,31**	0,26**	0,63**	--	
7. Dimensão cognitiva do ciúme relacionado com o FB	-0,21**	0,23**	0,37**	0,14**	0,41**	0,52**	--

Anexo C

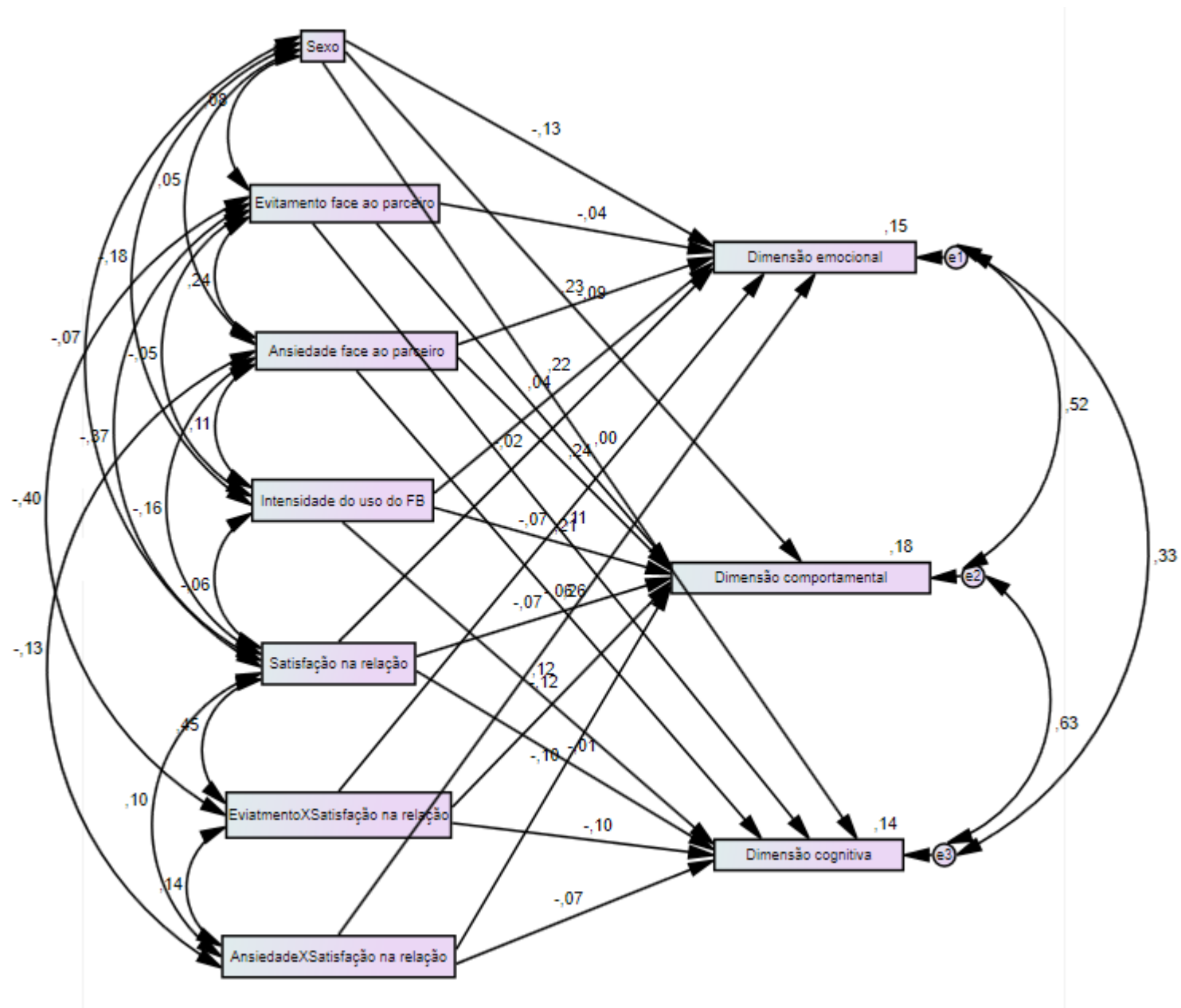
Tabela 6

Inter-correlações entre as variáveis de estudo por sexo.

Variável	1	2	3	4	5	6	7
1. Satisfação na relação		-0,33**	-0,19**	-0,11*	-0,10*	-0,16**	-0,18**
2. Evitamento face ao parceiro	-0,37**		0,32**	-0,01	0,10	0,18**	0,25**
3. Ansiedade face ao parceiro	-0,25**	0,27**		0,17**	0,31**	0,36**	0,39**
4. Intensidade do uso do Facebook	0,02	-0,02	0,07		0,28**	0,28**	0,18**
5. Dimensão emocional do ciúme relacionado com o FB	-0,06	0,05	0,17**	0,23**		0,64**	0,41**
6. Dimensão comportamental do ciúme relacionado com o FB	-0,20*	0,14	0,17	0,17*	0,57**		0,52**
7. Dimensão cognitiva do ciúme relacionado com o FB	-0,27*	0,18*	0,29**	0,06	0,43**	0,56**	

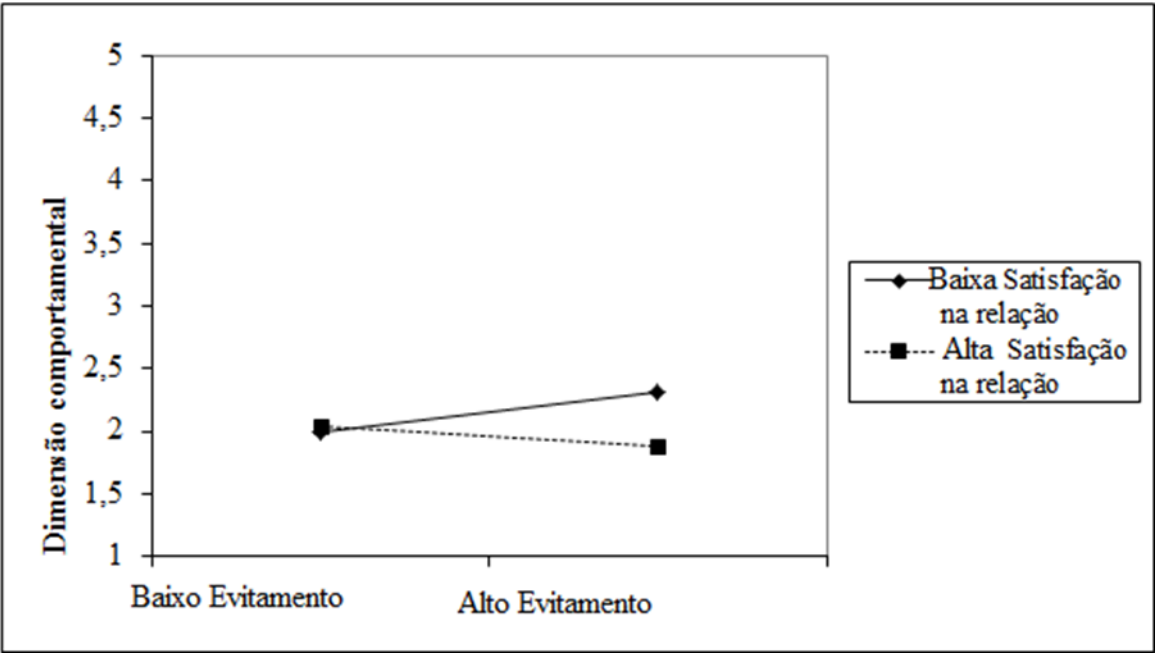
\*\*p<0,01; \*p<0,05  
**Nota:** os dados das mulheres dão apresentados acima da diagonal e os dos homens abaixo da mesma.

## Anexo D



**Figura 1:** Coeficientes estandardizados da análise de caminhos para a amostra total.

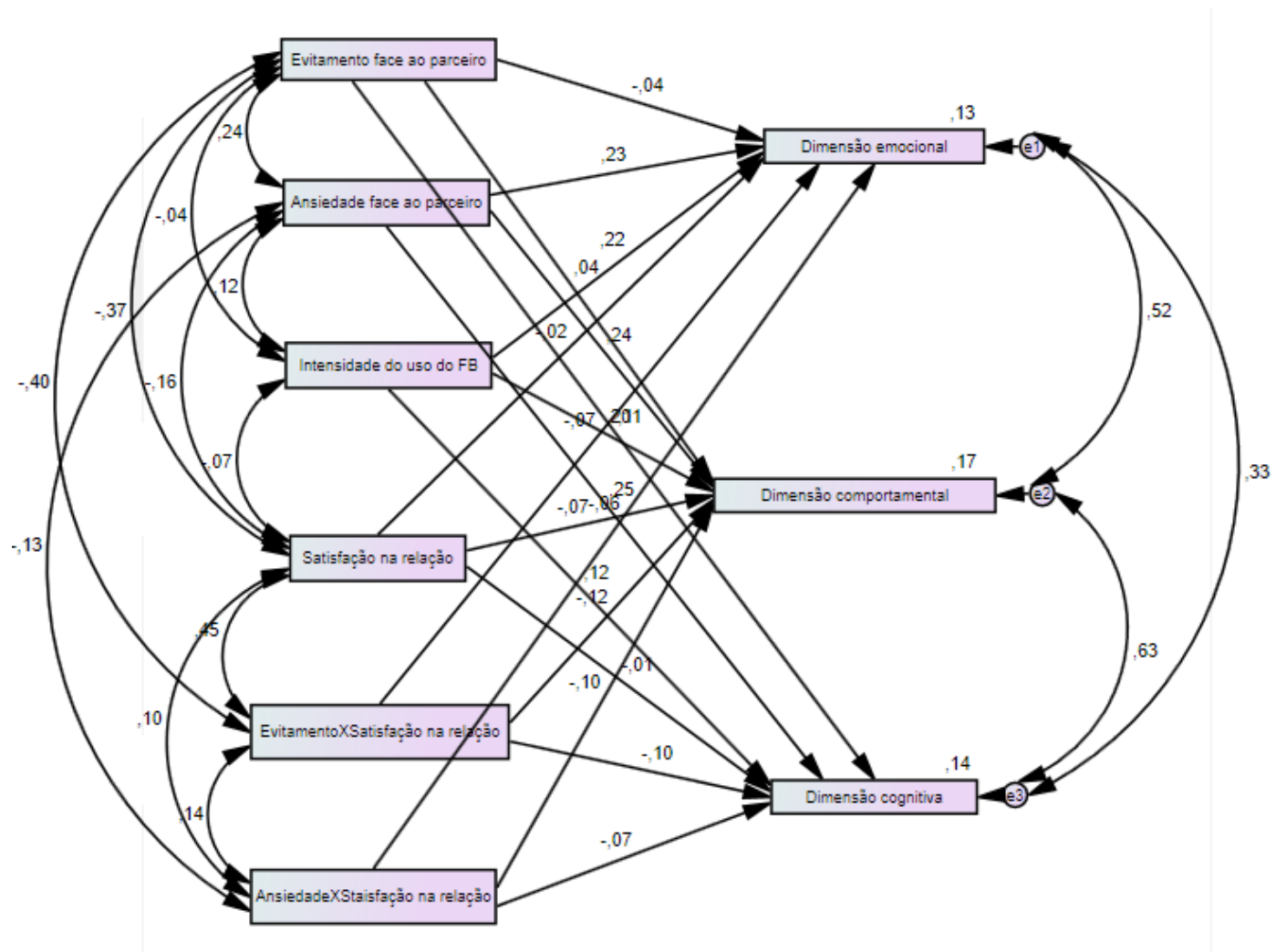
Anexo E



**Figura 2:** Efeito da interação entre o evitamento face ao parceiro e a satisfação na relação sobre a dimensão comportamental. Para valores elevados de evitamento e baixos da satisfação na relação, registam-se valores mais elevados na dimensão comportamental (estratégias de monitorização).

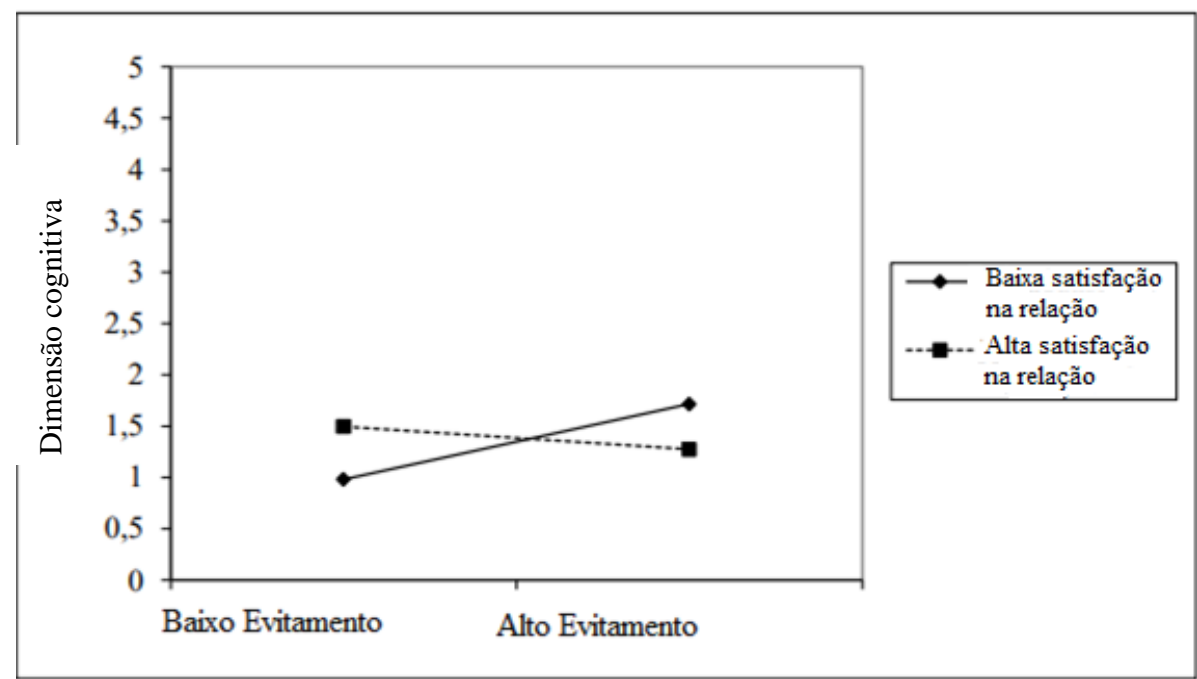


## Anexo F



**Figura 3:** Coeficientes padronizados da análise de caminhos para os grupos: Mulheres vs. Homens

Anexo G



**Figura 4:** Efeito da interação entre o evitamento face ao parceiro e a satisfação na relação sobre a dimensão cognitiva do ciúme no grupo das mulheres. O efeito do evitamento face ao parceiro depende do efeito da satisfação. Para valores elevados de evitamento e baixos da satisfação na relação, registam-se valores mais elevados na dimensão cognitiva, para as mulheres. Adicionalmente, para valores baixos no evitamento e elevados de satisfação na relação, registam-se valores mais elevados na dimensão cognitiva do ciúme, mas não tão elevados como para valores elevados de evitamento e baixos da satisfação na relação.